

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

NAYANE DA CRUZ QUEIROZ RAMOS

LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
contexto e uso do livro didático em sala de aula

CODÓ/MA
2020

NAYANE DA CRUZ QUEIROZ RAMOS

LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:

contexto e uso do livro didático em sala de aula

Monografia apresentada à coordenação do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, Campus VII-Codó, como requisito para obtenção de grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Dias Martins da Costa

CODÓ/MA

2020

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

da Cruz Queiroz Ramos, Nayane.

LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL : contexto e uso
do livro didático em sala de aula / Nayane da Cruz Queiroz
Ramos. - 2020.

84 p.

Orientador(a): Cristiane Dias Martins da Costa.

Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, UFMA, 2020.

1. Educação Infantil. 2. Livro Didático. 3. Lúdico.
I. Dias Martins da Costa, Cristiane. II. Título.

NAYANE DA CRUZ QUEIROZ RAMOS

LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:

contexto e uso do livro didático em sala de aula

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, Campus VII- Codó, como requisito para obtenção de grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Dias Martins da Costa

Codó-MA, 20 de agosto de 2020

APROVADA EM: 04 / 09/ 2020. NOTA: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Cristiane Dias Martins da Costa– UFMA
(Orientadora)

Profa. Dra. Mariana Aparecida de Oliveira Ribeiro – UFMA

Profa. Ma. Gleiciane Brandão Carvalho– UFMA

A Deus que sempre me capacitou em todos os desafios que me propus a fazer e as pessoas que contribuíram e me incentivaram para a concretização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Gratidão à Deus que é minha rocha, que me capacitou e me fortaleceu em todos os momentos em que pensei que não fosse capaz de concretizar algo. Que me deu controle emocional e me auxiliou a ter disciplina para que fizesse tudo dentro dos prazos que eu estipulei.

Agradeço a minha mãe, Maria do Socorro da Cruz que de forma involuntária sempre foi minha maior inspiração, não foi preciso me perguntar pelas tarefas feitas e nem exigir que eu fosse uma boa aluna, pois era somente observá-la para ter um exemplo em quem me espelhar. Minha irmã, Nayara da Cruz, por ter sido outro exemplo a ser seguido, como irmã mais velha é uma das minhas principais inspirações, sempre a observava estudando, dedicando-se, ousadia a define. E a toda minha família que sempre me incentivou e acreditou nas minhas capacidades. Ao meu esposo, Marcos Santana Ramos Salazar, por sempre acreditar em mim, e principalmente por ser um dos meus maiores incentivadores.

Agradeço imensamente a Márcia Valéria, Bruna dos Santos e Erica dos Santos, que fizeram esses quatro anos serem bem mais divertidos, por estarem sempre presentes e por me incentivarem a concluir o trabalho.

Agradeço a todos os professores que tive ao longo do curso, pois cada um contribuiu para este trabalho, em especial a professora Gleiciane Brandão, pois foi uma das incentivadoras para que eu realizasse a pesquisa e teve grande contribuição para a execução deste trabalho.

Agradeço a gestora, professores e demais funcionários da escola Reinaldo Zaidan por terem contribuído para que obtivesse os resultados da pesquisa e principalmente pela receptividade, adquirir muitos conhecimentos com todas as professoras que tive a oportunidade de conhecer.

Em especial, a minha orientadora professora Cristiane Dias, sua organização, responsabilidade, dedicação e humildade a fazem ser diferente. Com toda paciência nos instruiu, com sabedoria e delicadeza, e por ter contribuído para que a execução deste estudo fosse muito prazerosa.

Para aprender a ler e escrever é preciso apropriar-se desse conhecimento através da reconstrução do modo como ele é produzido. Isto é, é preciso reinventar a escrita. Os caminhos dessa reconstrução são os mesmos para todas as crianças, de qualquer classe social.

Emília Ferreira

RESUMO

A Educação Infantil é uma etapa primordial na vida escolar dos estudantes, ela é base para as demais etapas, sendo assim, é essencial que a aprendizagem seja realizada com eficiência, priorizando o desenvolvimento integral das crianças. Além disso, é imprescindível um cuidado criterioso quanto aos instrumentos e metodologias que serão adotadas para obter eficácia no processo de aprendizado dos estudantes. Em virtude disso, inúmeras discussões têm sido realizadas sobre as práticas pedagógicas que facilitem esse processo e que garantam o desenvolvimento das crianças de 0 a 5 anos. Na Educação Infantil preza-se pelo lúdico, com brincadeiras, jogos, músicas e danças, mas observa-se que os professores ainda utilizam o livro didático como um instrumento mediador do processo de aprendizagem, e para que essa ferramenta proporcione resultados em sala de aula é necessário que contemple alguns critérios. Diante disso, o presente trabalho teve como foco uma pesquisa qualitativa, do tipo documental que visou analisar o livro didático utilizado por uma turma do nível Pré II, intitulado “Aprender Construindo 3” das autoras Iana Mamede e Amélia (2014), para verificar qual a concepção de leitura e escrita presente no livro didático da Educação Infantil do Município de Codó-MA. Foi realizada também uma pesquisa de campo na escola Municipal Reinaldo Zaidan, com o intuito de observar na turma como ocorre o desenvolvimento da leitura e escrita. Ademais, foi aplicado um questionário com as professoras da Educação Infantil da escola para averiguar a opinião delas sobre a escolha, importância e frequência da utilização do livro didático e por fim uma entrevista com a coordenadora da Educação Infantil do município, objetivando informações sobre o processo de escolha do livro didático para a cidade. O trabalho teve como aporte teórico o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) Diretrizes Nacionais Curriculares para Educação Infantil (DCNEI), a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), além dos autores Ferreiro (1985), Gatti Júnior (2004), Choppin (2004) e Rodrigues e Gama (2014) entre outros. Com esta pesquisa conclui-se que as professoras reconhecem a importância dessa ferramenta para o processo de ensino e aprendizagem, se usado de maneira correta no ambiente escolar. Também, verificou-se que o livro mencionado apresenta alguns exercícios que são repetitivos e descontextualizados, não há diversidade nos gêneros textuais apresentados, observa-se também que se predomina as canções, que possibilitam ao professor desenvolver o lúdico, dependendo das metodologias que serão adotadas quando o livro for manuseado.

Palavras chaves: Livro didático. Lúdico. Educação Infantil

ABSTRACT

Early Childhood Education is a primary stage in the school life of students, it is the basis for the other stages, so it is essential that learning is carried out efficiently, prioritizing the integral development of children. In addition, it is essential to carefully consider the instruments and methodologies that will be adopted to obtain effectiveness in the students' learning process. As a result, numerous discussions have been held on pedagogical practices that facilitate this process and that guarantee the development of children aged 0 to 5 years. In early childhood education, playfulness is valued, with games, games, music and dances, but it is observed that teachers still use the textbook as a mediating tool in the learning process, and for this tool to provide results in the classroom. it is necessary to contemplate some criteria. In view of this, the present work focused on a qualitative research of the documentary type that aimed to analyze the textbook, used by a group of Pre II level, entitled "Learning to Build 3" by the authors Iana Mamede and Amelia (2014), to verify which the concept of reading and writing present in the didactic book of Early Childhood Education in the Municipality of Codó-MA. A field research was also carried out at the Municipal School Reinaldo Zaidan in order to observe in the class how the development of reading and writing occurs. In addition, a questionnaire was applied with the teachers of Early Childhood Education at the school to find out their opinion on the choice, importance and frequency of using the textbook and finally an interview with the Early Childhood Education coordinator in the city, aiming at information about the process choice of textbook for the city. The work had as theoretical support the National Curriculum Reference for Early Childhood Education (RCNEI) National Curricular Guidelines for Early Childhood Education (DCNEI), the Common National Curricular Base (BNCC), in addition to the authors Ferreiro (1985), Gatti Júnior (2004), Choppin (2004) and Rodrigues and Gama (2014) among others. With this research it is concluded that the teachers recognize the importance of this tool for the teaching and learning process, if used correctly in the school environment. Also, it was found that the mentioned book presents some exercises that are repetitive and decontextualized, there is no diversity in the textual genres presented, it is also observed that the songs that enable the teacher to develop the playful predominate, depending on the methodologies that will be adopted when the book is handled.

Key words: Textbook. Ludic. Child education

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Primeiro Livro de Leitura	18
Figura 2: Exercício do livro leitura	19
Figura 3: Dinâmica da caixa do repolho	39
Figura 4: Dinâmica Picolé da leitura	40
Figura 5: Atividade da canção peixe vivo	41
Figura 6: Crianças brincando com os brinquedos de encaixe	43
Figura 7: Capa do livro Aprender Construindo 3	51
Figura 8: História de João e Maria	54
Figura 9: Leitura da parlenda: Por detrás daquele morro	55
Figura 10:Conhecendo lugares e pessoas	56
Figura 11: Leitura e atividade sobre a parlenda	57
Figura 12: Alfabeto em Libras	58
Figura 13:Canção o Motorista	59
Figura 14:Atividade sobre a origem do fogo	60
Figura 15: canção Ratinho tomando banho	61
Figura 16- Animais marinhos	62
Figura 17: Atividade diagnostica 1	65
Figura 18: Atividade diagnostica 2	66
Figura 19: Atividade diagnostica 3	67
Figura 20: Atividade diagnostica 4	68

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Distribuição de livros didáticos entre o final de 2019 e início de 2020..	25
Tabela 2: Principais atividades de linguagem e os gêneros textuais do livro didático	52

LISTA DE QUADRO

Quadro 1: Dados das professoras entrevistadas.....	46
--	----

LISTA DE SIGLAS

BNCC- Base Nacional Comum Curricular

DCNEI- Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

ENEM- Exame Nacional do Ensino Médio

FAE- Fundação de Assistência ao Estudante

FENAME- Fundação Nacional do Material Escolar

FNDE- Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

IDEB- Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

INL- Instituto Nacional do Livro

IPT- Instituto de Pesquisas do Estado de São Paulo

LIBRAS- Língua Brasileira de Sinais

PLIDEF- Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental

PNLD- Programa Nacional do Livro Didático

RCNEI- Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

SEMECTI- Secretaria Municipal de Educação, Ciência, Tecnologia e Inovação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. LIVRO DIDÁTICO NO BRASIL: PERCURSO HISTÓRICO, CARACTERÍSTICAS E FUNÇÃO.....	17
1.1 Origem do livro didático: primeiros livros publicados no brasil	17
1.2 Livro didático: evolução do seu aspecto visual	22
1.3 O livro didático como ferramenta para construção e produção do conhecimento.....	26
2. A LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	32
2.1 A mediação docente no desenvolvimento da leitura e escrita na Educação Infantil.....	32
2.2 Principais atividades desenvolvidas pelas docentes durante a pesquisa de campo	36
3. LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ANÁLISE DIDÁTICA.....	50
3.1 A leitura e escrita no livro <i>Aprender Construindo 3</i>	50
3.2 O processo de escrita na perspectiva psicogenética	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS	73
APÊNDICES	78
ANEXO	82

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil é uma etapa primordial na vida escolar dos estudantes, é essencial que a aprendizagem seja realizada com eficiência, priorizando o desenvolvimento integral das crianças. Além disso, é imprescindível um cuidado criterioso quanto aos instrumentos e metodologias que serão adotadas para obter eficácia no processo de aprendizado dos estudantes, pois ela é a base para as demais etapas, se o processo de aprendizagem não ocorrer de forma eficiente todas as etapas seguintes serão afetadas (ROGRIGUES E GAMA, 2014). Na Educação Infantil preza-se pelo lúdico, por brincadeiras, jogos, músicas, instigar o desenvolvimento da coordenação motora, propiciar aos alunos o cuidado com seu corpo, exercitar sua capacidade cognitiva e descobrir o meio que o cerca, antes de iniciarem o processo de alfabetização (BRASIL, 1998).

Uma das ferramentas mais utilizadas pelos professores nas escolas tem sido o livro didático, ele vem se constituindo um suporte de caráter pedagógico que pode promover mudanças e aperfeiçoar a prática pedagógica. No entanto, não pode ser o único instrumento utilizado pelo professor, na qual o docente apenas reproduz pensamentos e respostas prontas, conhecimentos sintetizados que nem sempre estão de acordo com a realidade em que o aluno está inserido.

Segundo Ferreiro (1985) o livro didático além de ser visto como uma ferramenta mediadora para a aprendizagem, também proporciona as crianças a explorarem a linguagem escrita, conhecer os gêneros textuais, perceber e exercitar a escrita. É necessário pensar em atividades que considerem as capacidades cognitivas das crianças, que aprendem e interagem com a convivência em sociedade.

A disciplina de linguagem no ambiente escolar é uma das que possuem maior carga horária, os estudantes têm o contato com ela desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, e mesmo assim muitos alunos apresentam dificuldades em ler e escrever.

Durante toda minha trajetória, sempre tive muitas dificuldades na leitura e escrita, desde o jardim ao ensino fundamental, leitura em voz alta, só realizava quando era obrigatório, nas produções textuais confundia algumas letras como

T com D, mesmo sabendo que os sons de ambos são diferentes. O livro didático sempre foi visto como um vilão para mim, na Educação Infantil não havia livro didático, apenas tarefas xerocopiadas; no ensino fundamental, quando usado sempre fazia as mesmas atividades, passava todas aulas realizando exercícios propostos no livro.

Ao ingressar no ensino médio, percebi que a minha leitura e escrita tiveram um grande avanço, as minhas redações estavam entre as melhores da turma. Ao refletir um pouco sobre essa mudança, conclui que meu progresso se deu pelo incentivo de alguns professores, com aquela frase clichê “leiam, leiam qualquer coisa, um livro, uma revista, uma história em quadrinho”. Foi isso que eu fiz, comecei a frequentar a biblioteca central, lia os mais diversos gêneros textuais, revista, poemas e livros de ficção, e além disso com a pressão de uma boa nota no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) especialmente na redação, exercitei bastante minha escrita e com esse novo hábito, minha escrita e leitura melhoraram, não por saber regras gramaticais, mas por ter desenvolvido o hábito de ler e observar a pontuação e escrita das palavras. Perceber a presença da linguagem em meu cotidiano foi essencial para aperfeiçoar meu desenvolvimento na leitura e escrita, por isso senti instigada a pesquisar a temática.

Diante disso, o presente trabalho objetiva discorrer sobre a Leitura e escrita presente no livro didático da Educação Infantil do município de Codó-MA, o tema surgiu a partir de algumas observações no primeiro estágio supervisionado na Educação Infantil, realizado no CMEI Vera de Pádua Macieira, ao observar que algumas crianças apresentavam dificuldades para realizar alguns exercícios propostos no livro didático. Sendo assim, a pesquisa visa observar e analisar o livro didático utilizado pelos alunos do nível Pré II, verificando se as orientações para esta faixa etária (entre 5 e 6 anos) estão sendo seguidas de acordo com o que proposto no RCNEI (Referencial Comum Curricular para a Educação Infantil,) DCNEI (Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil e a BNCC (Base Nacional Comum Curricular).

O livro didático possui funções importantes, e o professor precisa estar capacitado para utilizar essa ferramenta para que seus alunos produzam seus próprios conhecimentos. O livro didático no ambiente escolar tem o intuito de facilitar o processo de ensino e aprendizagem, uma ferramenta para o professor

sistematizar as informações e conhecimentos (BRANDÃO, 2014). Com isso, a pesquisa objetiva responder a seguinte questão: qual a concepção de leitura e escrita presente no livro didático da Educação Infantil do município de Codó?

O trabalho teve como objetivo geral: analisar o livro didático utilizado por uma turma do nível Pré II do município de Codó-MA, para averiguar se as atividades e textos estão de acordo com o que é proposto nos documentos para a Educação Infantil na disciplina de linguagem oral e escrita. E os objetivos específicos: observar uma turma do nível Pré II para averiguar como a professora utiliza o livro didático para o desenvolvimento da leitura e escrita; investigar a concepção das docentes sobre a escolha, importância e frequência da utilização do livro didático e identificar a concepção de leitura e escrita no livro didático.

O presente trabalho teve como foco uma pesquisa qualitativa do tipo documental e pesquisa de campo, que objetivou analisar o livro didático *Aprender Construindo 3* utilizado por uma turma do nível Pré II, das autoras Iana Mamede e Amelia (2014). As observações ocorreram na escola Municipal Reinaldo Zaidan, localizada na Av. Dr. José Anselmo, bairro São Benedito. A instituição funciona com a Educação Infantil pela manhã e à tarde Educação Fundamental anos iniciais.

A pesquisa de cunho descritiva qualitativa é descrita por Moreira (2002) com algumas características que inclui: a interpretação como objetivo, o pesquisador interpreta a situação de acordo com sua perspectiva, a subjetividade é destacada, o objeto central é a perspectiva dos informantes, flexibilidade na conduta do estudo, o foco está no processo e não nos dados, o pesquisador pode também ser influenciado diante das situações da pesquisa. A técnica foi a observação participativa que segundo Moreira (2002, p. 52) é “uma estratégia de campo que combina ao mesmo tempo a participação ativa com os sujeitos, a observação intensiva em ambientes naturais, entrevistas abertas informais e análise documental”.

As observações ocorreram no segundo semestre de 2019 na turma de nível Pré II, composta por 14 alunos, idades entre 5 e 6 anos, o caderno de anotações foi utilizado para pontuar as dificuldades apresentadas pelos estudantes, os recursos utilizados pela professora, tempo destinados para a realização dos exercícios e outros instrumentos utilizados para a realização das atividades. Ainda foi aplicada uma atividade diagnóstica para averiguar em qual

nível de escrita as crianças estão de acordo com a teoria de Emília Ferreiro (psicogênese da língua escrita).

Além disso, foi realizada uma visita à Secretaria de Educação, para obter mais informações com a coordenadora da Educação Infantil sobre a escolha do material didático para o Município de Codó-MA. Foi aplicado também um questionário subjetivo contendo dez perguntas, para as professoras que utilizam o livro didático na escola descrita acima, com o intuito de averiguar a opinião das docentes sobre a escolha, importância e frequência da utilização do livro didático. Posteriormente, foi feita a análise do livro, tendo como base as orientações para a Educação Infantil, observando se o livro apresenta variedades de gêneros textuais, se as imagens relacionam-se com os textos, se as atividades propostas estão de acordo com a faixa etária das crianças e se os exercícios propostos contribuem para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita.

Sendo assim, o trabalho está dividido em três capítulos para melhor apresentar a pesquisa, no primeiro capítulo “Livro Didático no Brasil: percurso histórico, características e função” é abordado sucintamente sobre a origem do livro didático, primeiras cartilhas de alfabetização, destacando alguns dos primeiros livros de leitura publicados, os principais programas criados para avaliar e distribuir os livros didáticos no Brasil, algumas mudanças no aspecto físico dos materiais didáticos, além de pontuar o livro didático como ferramenta auxiliadora no aprendizado da leitura e escrita. No segundo momento, a “Leitura e escrita na Educação Infantil”, é apresentado as atividades que podem ser desenvolvidas pelo professor para o desenvolvimento da leitura e escrita, as principais atividades desenvolvidas pelas professoras durante a pesquisa de campo, os resultados do questionário realizado com as professoras e os dados da entrevista com a coordenadora da Educação Infantil no município de Codó. Por fim, no terceiro capítulo sobre a “Leitura e escrita na Educação Infantil: análise didática” é exposto o papel da escola para promover o desenvolvimento da linguagem oral e escrita, e também a análise do livro *Aprender Construindo* 3, acrescentando as observações da pesquisa de campo e a atividade diagnóstica realizada com as crianças.

1. LIVRO DIDÁTICO NO BRASIL: PERCURSO HISTÓRICO, CARACTERÍSTICAS E FUNÇÃO

O presente capítulo visa apresentar o percurso histórico do livro didático, a priori será destacado sobre a origem dos livros didáticos, criação dos primeiros materiais de suporte para ensinar a leitura e escrita, bem como as primeiras cartilhas e um dos primeiros livros de leitura publicado no Brasil. Posteriormente, será abordado sobre os principais programas criados para averiguar a qualidade dos livros didáticos, ressaltando ainda a evolução do aspecto físico dos livros e por fim, descrever a importância do livro didático como ferramenta auxiliadora no processo de ensino e aprendizagem

1.1 Origem do livro didático: primeiros livros publicados no Brasil

Para Gatti Júnior (2004) o livro didático originou-se antes da invenção da imprensa no final do século XV, época em que os livros eram de difícil acesso, os estudantes europeus criavam seus próprios cadernos de textos. Com a criação da imprensa, os livros foram os primeiros produtos a serem produzidos em grande escala.

Segundo Oliveira et al (1984) o livro didático teria surgido no século XIX, como complemento aos ensinamentos que não continham na Bíblia, pois neste contexto era o único livro utilizado nas escolas, vale ressaltar que este era destinado sobretudo aos alunos das escolas de elite.

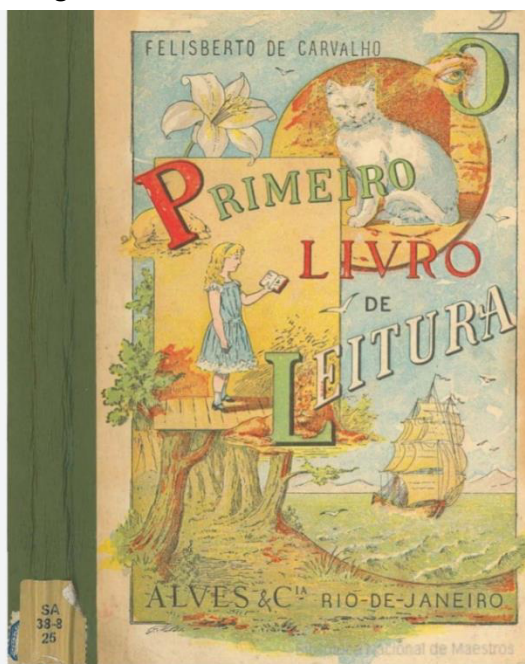
O primeiro manual de alfabetização foi a *Cartilha Maternal*, escrita em 1875 por João de Deus, um poeta e pedagogo, o material foi produzido após diversos métodos de alfabetização falharem em Portugal. A cartilha obteve progressos na alfabetização, que se espalhou por todas as instituições de ensino de Portugal, e chegou até o Brasil. O material vendido ao Brasil não era o mesmo de Portugal, enquanto na corte o material apresentava uma capa resistente, no Brasil era uma capa simples. Além disso, as cartilhas eram de difícil acesso, pois apresentava um preço elevado, com isso, alguns professores produziam seus próprios livros, denominados de “cartas do ABC” (BAIRRO, 2009).

Para Bittencourt (2004) o livro didático desde o início teve discussões sobre a seu público destinado, os livros eram de uso exclusivo do professor.

Contudo, na segunda metade do século XIX, observou-se que o livro não poderia ser usado somente pelo docente, para transcrever ou ditar, constatou-se que era necessário que os alunos também tivessem acesso a ele. De acordo com a autora com essa nova perspectiva o aluno é visto como consumidor do livro, tanto os autores como editores perceberam que era preciso realizar alterações para que o material atendesse as novas exigências. Neste momento, percebeu-se a necessidade das ilustrações, e também surgiram novos gêneros didáticos, como os livros de leitura e os livros de lições.

Segundo Scheffer (2007) em 1880 é confeccionada a *Cartilha Nacional* por Hilário Ribeiro, destacava trabalhar com a leitura e escrita simultaneamente. É criada também a *Cartilha da Infância*, de Thomaz Galhardo, usada até 1980. Em 1982, ocorre a publicação do livro intitulado de *Primeiro Livro de Leitura*¹ (Fig. 1) de Felisberto de Carvalho, uma das obras mais vendidas no Brasil, o autor publicou mais quatro coleções deste livro e outros livros como *Noções de história natural e hygiene, Diccionario gramatical e Arithmetica das escolas primarias*.

Figura 1: Primeiro Livro de Leitura



Fonte: (Carvalho, 1982)

¹ O livro foi produzido com o intuito de ser um material de apoio ao professor, em seu prefácio Felisberto aborda os objetivos do livro, que incluem: despertar no aluno o desejo de aprender a ler, facilitar-lhe de certa maneira a leitura, pelo exame prévio do desenho que precede cada lição, não apresentar de uma só vez, fugir do que é muito trivial e fazer que o aluno adquira sempre ideias novas, apresentando-lhe algumas palavras cuja significação não pode saber, para que o professor tenha ocasião de lhes explicar, associar a escrita à leitura e desenvolver sempre, cada dia de aula, a inteligência do menino, levando-o a raciocinar e a expender bem os seus juízos. (CARVALHO, 1982, p. 8-9)

Segundo Oliveira e Souza (2000) os livros de leitura de Carvalho apresentam aspectos visuais atrativos, capas coloridas, com imagens referentes ao conteúdo exposto, as atividades são organizadas por lições, para orientar o professor ao realizar uma lição por dia. Os exercícios apresentam imagens, que facilitam o processo de ensino da leitura, além de torna-las atrativas. As lições expõem três tipos de grafias (Fig. 2) “a simplificada, de uso obrigatório, conforme decreto recente à época do governo brasileiro, a vertical, para os exercícios de cópia e a grafia inclinada” (OLIVEIRA e SOUZA, 2000. p.29).

Figura 2: Exercício do livro leitura



Fonte: (CARVALHO, 1982, p. 31)

Outros livros foram publicados posteriormente, em 1907, foi publicada a *Cartilha Analítica*, por Arnaldo Barreto, esta foi utilizada em muitos estados brasileiros, estava voltada para a decifração e compreensão. Lourenço Filho, em 1928, cria a *Cartilha do Povo*, baseada em diversos métodos de leitura (OLIVEIRA e SOUZA, 2000).

Scheffer (2007) aponta ainda, que no século XIX, havia uma necessidade da produção de livro didático por brasileiros, pois os livros importados de Portugal eram caros, e isso ocasionou um crescimento nas editoras brasileiras:

O processo de nacionalização do livro didático produzido por brasileiros foi uma necessidade apontada desde o final do século XIX. Havia o interesse da organização republicana de instrução pública que tais livros estivessem adequados à realidade brasileira. Tal anseio fez com que ocorresse uma expansão do mercado editorial brasileiro, o

qual encontrou na escola um espaço privilegiado de circulação e público consumidor de seus produtos (SCHEFFER,2007, p.03).

O processo para que os livros didáticos juntamente com os dicionários, obras literárias e livros em braile chegassem no Brasil, iniciou-se em 1929, com a criação do Instituto Nacional do Livro (INL) um órgão responsável por legislar sobre políticas do livro didático, objetivando o seu reconhecimento nacionalmente e a contribuição para o aumento de sua produção (MICHEL, 2015). No entanto, demorou alguns anos para que estes objetivos fossem executados, só em 1934, no governo do presidente Getúlio Vargas, o INL recebeu suas funções, como editar obras literárias para a formação cultural, criar uma enciclopédia e um dicionário e aumentar o número de bibliotecas públicas (FREITAS e RODRIGUES, 2008).

Segundo Höfling (2000) o livro didático no Brasil inicia-se com a criação da Comissão Nacional do Livro Didático, que foi instituída pela Lei nº 1.006/1938, sendo responsável por administrar a importação, elaboração e distribuição do material didático. Conforme o autor, somente em 1945, por meio do decreto de Lei 8.460 o Estado passa a legislar sobre o conteúdo dos livros, como coedição na produção do livro didático, uma parceria entre as editoras privadas e o Governo. A partir de então, o Estado tem a função de ser o distribuidor do livro didático.

Freitas e Rodrigues (2008) destacam que em 1971 o INL, passou a desenvolver o Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental (PLIDEF), com a função de administrar e gerenciar os recursos financeiros. Em 1976, o INL foi extinto, assumindo o lugar para Fundação Nacional do Material Escolar (FENAME). Segundo os autores, o governo então inicia a compra dos livros com os recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e com a ajuda dos estados. No entanto, os recursos não foram suficientes para atender a demanda dos alunos do ensino fundamental da rede pública, a decisão foi retirar do programa a maioria das escolas municipais.

Freitag et al, (1997) elenca que em 1983 as mudanças continuaram, com a criação da Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), que agregou vários programas de assistência do governo. Nesse contexto, os autores relatam que houve várias críticas a essas mudanças, dentre elas, o não cumprimento dos

prazos para a entrega dos livros didáticos, pressão política das editoras e o autoritarismo na escolha dos livros. Neste mesmo período foi proposto a participação dos professores na escolha dos livros em todos os estados, pois nesse período a participação dos docentes só acontecia em alguns estados.

Em 1985 o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) substituiu o PLIDEF, o PNLD é o atual programa responsável pela distribuição e escolha dos livros didáticos. O programa fez algumas mudanças, os professores de todos os estados participariam da escolha do material didático, o livro passaria a ser reutilizado por outros alunos nos próximos anos, precisavam melhorar sua produção, em sua estrutura para maior durabilidade, os livros seriam distribuídos a todas as séries do ensino fundamental da rede pública e comunitárias, os recursos do livro seria de responsabilidade do governo, os estados não contribuiriam financeiramente (CASSIANO, 2004).

Segundo Freitas e Rodrigues (2008) o principal objetivo do PNLD é a distribuição gratuita dos livros para o ensino fundamental público, incluindo a alfabetização infantil. Cada aluno tem o direito a um livro de língua portuguesa, matemática, ciências, história e geografia, aos estudantes do primeiro ano é entregue também uma cartilha de alfabetização. O método de avaliação pedagógica dos livros, o resumo das avaliações e as coleções ofertadas pelo Ministério da Educação são disponibilizadas no Guia do Livro Didático, entregue nas escolas e também disponível on-line.

Segundo Gatti Júnior (1998), os docentes são indispensáveis na estratégia de venda de livros, pois são eles que utilizam os livros didáticos, e eles os escolhem. Ao recomendarem os livros para turmas ou escolas é garantia de venda de milhares de livros em pouco tempo. Além disso, os livros didáticos têm sido mais do que para exposição dos conteúdos disciplinares, ele é uma ferramenta para controle e organização da aula.

Parafraseando Simões (2012), os professores das escolas públicas participam da escolha dos livros, através do Guia do Livro Didático, a partir de uma lista de referência elaborada, determinada pelo governo, por especialistas em educação e nos conteúdos relativos à matéria. Eles podem escolher os livros para serem utilizados no período de três anos, o livro só poderá ser substituído

por outro no próximo PNLD. A autora ressalta ainda que são escolhidas duas opções de títulos por disciplina, caso a primeira não seja negociada com detentores dos direitos autorais e editores, a segunda opção passa a ser utilizada. Os professores de uma mesma disciplina precisam chegar a um consenso sobre o livro que será escolhido, pois este valerá para toda a escola.

Para que os professores pudessem participar da escolha dos livros didáticos foi um longo processo, assim como a criação de um programa específico responsável por avaliar e distribuir os livros ou qualquer material de apoio ao professor, como descrito acima. Dessa forma, observa-se que para se criar o PNLD vários outros programas foram criados anteriormente, no que diz respeito a estrutura física dos livros várias mudanças ocorreram para que ele se constituísse como é apresentado hoje.

1.2 Livro didático: evolução do seu aspecto visual

A partir da década de 1970, foram sendo inseridos profissionais exclusivamente para trabalhar com o aspecto visual dos livros, como artistas gráficos e plásticos. Os livros didáticos proporcionam uma comunicação que ultrapassa a função de instrumento didático, propicia aos alunos o desenvolvimento da leitura visual e o potencial informativo que as imagens apresentam. Sendo assim, a visualidade do livro didático é de suma importância tanto para comunicação do conteúdo, como para seu sucesso comercial (RAMIL, 2014).

Com o processo de democratização do ensino, em 1980, o manual escolar se transformou em livro didático, as características do livro foram se adaptando a realidade da escola. Os editores não se preocupavam que os livros tivessem uma linguagem adequada a faixa etária destinada, sendo assim poucas alterações foram realizadas, uma das poucas mudanças foram em relação ao tamanho do aspecto visual das capas que de 14x18 passaram a ter 21x28 e o aumento das ilustrações (FREITAS e RODRIGUES, 2008). Em 1980 o livro didático deixou de visto como um texto onde as imagens serviam como enfeites, e passaram a serem vistas com uma articulação semântica que faz uma relação entre texto e imagem.

As editoras brasileiras especializadas em livros didáticos passaram, ao longo dos últimos anos, por um intenso processo de especialização, e hoje, além de produzirem os didáticos, responsáveis pelo grosso do faturamento das mesmas, ocupam-se da fabricação dos chamados paradidáticos, que são em geral pequenos livros, com temas únicos, empregados como auxiliares do processo de ensino, para além do livro didático. No Brasil, a Editora Brasiliense parece ter sido aquela que primeiro lançou-se a esta empreitada, no início dos anos oitenta, porém ela nunca foi uma editora pautada pela produção de livros paradidáticos, mas acabou por influenciar todas as grandes editoras que hoje possuem coleções inteiras, com diferentes formatos e repletas de especificidades editoriais, destinadas a complementar o trabalho com o livro didático e até mesmo, em alguns casos, de poder o substituir (GATTI JÚNIOR, 1998, p. 43).

Outro aspecto importante no que diz respeito a mudança da qualidade do livro, foi a substituição do livro descartável para um durável, instituído pelo PNLD em 1985. Os livros descartáveis eram produzidos para serem usados no período de um ano, e por isso eram produzidos com baixa qualidade, objetivando reduzir custos. As atividades realizadas pelos alunos nas páginas do livro, como desenhos, pinturas e colagens (ZAMBON E TERRAZZAN 2013).

Parafraseando Moraes (2010) é importante que o design dos livros esteja relacionado com os conteúdos expostos nele, assim também como as imagens e textos devem estar relacionadas. Além disso, o aspecto visual pode prender o leitor, é necessário um cuidado criterioso no que diz respeito as capas dos livros também, tanto para o leitor como para sua comercialização. Moraes (2010) esclarece a importância do design em toda a obra:

[...] o design do livro pode se ocupar de objetivos motivacionais, criando formas para interessar e prender a atenção do leitor a partir da emoção e a referências ao universo do leitor. Isso se expressa não só no interior do livro, mas em sua capa, e na relação desta com o interior, como porta de entrada que é para ele. No livro como mercadoria, esses objetos motivacionais se expressam na capa antes da experiência com a leitura, por meio do design. Mas, para realizar o trabalho de induzir à venda o design precisa representar e construir sentidos que envolvem os significados expressos no conteúdo textual e na sua relação com a cultura escrita e visual bem como o mundo interior do leitor. Com isso, capas também são objetos da cultura (MORAES, 2010, p. 49).

As capas nem sempre tiveram essa atenção, as capas tinham a função de proteger as folhas, e não para identificar ou propiciar a venda, como ocorre nos dias atuais. As capas eram de couro, em algumas douradas, mesmo assim, não tinham imagens relacionadas aos conteúdos. O design gráfico de um livro pode educar ou não o leitor visualmente e culturalmente “pode ampliar a informação imagética e o repertório visual de seu público e apresentar a

linguagem visual e o próprio design como modos de conhecimentos e manifestações válidas da cultura” (MORAES, 2010. p. 50).

Em 1990, o Brasil era o maior comprador do livro didático isso iniciou um processo de avaliação que gerou diversas melhorias no material didático de todas as disciplinas, inclusive na qualidade gráfica, impressão, a linguagem e conteúdos utilizados pelos autores. Neste período os livros didáticos do ensino fundamental passaram a ser impressos coloridos, mas os livros destinados ao Ensino Médio eram impressos em preto e branco (GATTI JÚNIOR, 2004).

Como mencionado anteriormente, para Freitas e Rodrigues (2008), o livro didático chegou no Brasil, com a criação do INL órgão responsável por legislar as políticas do livro didático. Segundo Holfling (2000), o livro didático inicia no país com a Comissão Nacional do Livro didático, e somente em 1945, após a Lei 8.460 o Estado passa a ser o distribuidor do livro didático. E então, vários programas são criados ou reformuladas, com o objetivo de averiguar a qualidade e distribuição do material didático.

O atual programa responsável por essa distribuição e verificação de qualidade dos livros didáticos é o PNLD, algumas características influenciam na escolha das obras, como: a qualidade gráfica, quantidade de exercícios, qualidade dos exercícios, qualidade do conteúdo, autores, conteúdo atual, conteúdo contextualizado, capa, metodologia inovadora, material áudio/visual, qualidade editorial, editora, número de páginas e abordagem dos assuntos.²

As obras compradas passam por uma seleção de qualidade, segundo Tagliani (2009) tem se:

como critérios eliminatórios, observam-se o caráter ideológico e discriminatório, desatualização, incorreções e incoerências conceituais e metodológicas. Com base nesses critérios, o PNLD indica as obras recomendadas, disponibilizadas ao professor por meio do Guia do Livro Didático, que apresenta as resenhas e as avaliações relacionadas a esses livros (TAGLIANI, 2009, p. 306).

A tabela abaixo mostra a distribuição de livros para alunos e professores da educação básica do país. A distribuição contempla também a reposição

² Disponível em: https://pnld.nees.com.br/pnld_2020/ata_escolha acesso em: 20 de maio de 2020.

integral dos livros para os estudantes e professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, reposição de livros para o Ensino Médio e para a Educação Infantil.

Tabela 1- Distribuição de livros didáticos entre o final de 2019 e início de 2020

Etapas	Escolas beneficiadas	Alunos beneficiados	Total de exemplares	Valor de aquisição
Educação Infantil	17.069	3. 204.748	28.407	R\$ 749.606,65
Anos Iniciais do Ensino Fundamental	88.674	12. 337.614	71.816.715	R\$ 458.638.563,27
Anos Finais do Ensino Fundamental	48. 213	10.197.262	80.528.321	R\$ 696.671.408,86
Ensino Médio	19.249	6.270.469	20.198.488	R\$ 234.141.456,77
Total Geral	123.342	32.010.093	172.571.931	R\$ 1.390.201.035,55

Fonte: PNLD (2020) ³

Segundo Simões (2012) a qualidade física dos livros é analisada em dois momentos pelo PNLD, a princípio após as inscrições das obras pelas editoras, na qual é realizada uma avaliação pelo Instituto de Pesquisas do Estado de São Paulo (IPT) objetivando averiguar se as obras apresentadas seguem as exigências técnicas e físicas do edital. Posteriormente, após a produção dos livros, o IPT analisa as características físicas dos livros de acordos com normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)⁴.

Como material de apoio ao ensino na escola, o livro didático é uma referência à construção do pensamento e de ideias sobre o mundo e a sociedade, por meio das palavras e das gravuras, o livro didático forma conceitos e interpretações da realidade (CHOPPIN, 2004). Considerando sua importância para a formação dos estudantes é indispensável uma avaliação criteriosa nesse instrumento, desde a capa, texto e imagens.

³ Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/pnld/dados-estatisticos> acesso em: 19 de maio de 2020.

⁴ MINISTÉRIO da Educação. Guia de livros didáticos PNLD 2008: Geografia. Brasília: MEC, 2007, p.13

Segundo Batista (1999) o livro didático é caracterizado como um livro temporário, que precisa se atualizar constantemente. Por isso, é necessário sempre analisá-lo e modificá-lo de acordo com a necessidade do mercado e dos usuários. Os livros são ferramentas importantes no contexto escolar, que podem propiciar a construção de conhecimentos visuais, culturais, disciplinas e interdisciplinares se utilizado como instrumento pedagógico em sala de aula.

Entender o contexto histórico do livro didático, no que diz respeito a seu aspecto físico, sua função ao longo dos anos, programas que foram aperfeiçoados para distribuição e escolha dos livros é indispensável para compreender o seu papel nos dias atuais, em todas as etapas da educação. O uso do livro didático na Educação Infantil, é uma discussão recente, há discrepâncias quanto sua utilização nesta etapa, segundo Boito, Barbosa e Gobbato (2016) isso ocorre porque:

A docência na Educação Infantil deve considerar os tempos da infância em espaços onde a criança possa aprender a interagir e a construir relacionamentos, a conviver, a conhecer seus sentimentos, negociar pontos de vista, brincar e, com isso, criar, inventar, ser curioso – elementos significativos para a formação humana. Educar uma criança pequena pressupõe um modelo que não reproduza o estilo de docência dos demais níveis do sistema educacional, mas que respeite os processos educacionais que exigem atenção as especificidades etárias das crianças pequenas e as propostas educativas centradas no binômio educar e cuidar. (BOITO, BARBOSA E GOBBATO ,2016 p. 05)

1.3O livro didático como ferramenta para construção e produção do conhecimento

De acordo com Stray (1993, p. 77-78) o livro pode ser definido como um material cultural, que se encontra no “cruzamento da pedagogia, da produção editorial e da sociedade”. Atualmente outros instrumentos são utilizados como a internet, quadros, aplicativos didáticos, enciclopédias, porém o livro didático continua ocupando um espaço central nas salas de aula.

Há diversas discussões na atualidade sobre os mediadores de aprendizagem que proporcionem um aprendizado eficiente, e o livro didático é uma ferramenta que pode favorecer um ensino eficaz se utilizado da maneira correta dentro do ambiente escolar. No entanto, as vezes se torna o único instrumento, tornando assim um substituto do professor ao invés de auxiliar, se

usado dessa forma, o professor torna-se refém dos métodos e conteúdos apresentados nos livros (SILVA, 2012).

Mortimer (1998) discorre que as discussões acerca do livro didático não são recentes, nas décadas de 1970 e 1980 esta ferramenta exercia um papel essencial a prática pedagógica no contexto escolar brasileiro, diante de um contexto em que havia uma depreciação do ensino público e a má qualificação dos profissionais da área. Ainda nesse período sugeriram questionamentos sobre a forma como eles eram produzidos e como eram elaborados os conteúdos. Sarzedas (2007) aponta sobre a importância de os conteúdos presentes nos livros didáticos serem interdisciplinares, para que seus usuários possam ter acesso aos mais diferentes conhecimentos.

A utilização do livro didático na educação formal foi estabelecida como uma maneira de padronizar o ensino nas escolas públicas brasileiras já que contém o conteúdo mínimo a ser ensinado para os alunos. Dessa forma, o livro didático deve conter os ensinamentos correspondentes à acumulação do conhecimento humano sobre as mais diversas áreas e nos mais diferentes momentos (SARZEDAS, 2007, p. 85).

Nos anos 90, ocorreu algumas reformas educacionais que objetivaram conscientizar os professores quanto a necessidade de reformular os conteúdos e as metodologias de ensino. Então, foram criados programas de reforma do estado, com elaborações de projetos e materiais para serem distribuídos nas escolas. Porém, essas propostas não obtiveram resultados satisfatórios visto que para serem concretizados era necessário o apoio financeiro do governo, e algumas propostas nem chegaram a serem discutidas nas escolas (AGUIAR, 2006).

O livro não pode ser visto como um instrumento ultrapassado, mesmo com os avanços tecnológicos, ele ainda é essencial, como ferramenta auxiliar no ensino e aprendizagem. Sendo assim, é importante discutir a qualidade dos livros, para que ele exerça sua função de auxiliar nas salas de aulas (ROMANATTO, 2004). O livro didático ao longo dos anos vem se constituindo um suporte de caráter pedagógico que pode promover mudanças e aperfeiçoar a prática pedagógica.

Brandão (2014) aponta que o Livro didático:

[...] auxilia, orienta e até mesmo direciona o currículo escolar e o processo de ensino aprendizagem. Sabemos que o livro didático, na maioria das vezes, é o único material utilizado pelo professor e pelos alunos. Ainda notamos, pela nossa prática, que para muitos professores ele é visto como verdadeiro e correto, o que faz com que seu uso seja feito de forma ingênua. Antes de utilizar o livro didático como um material de apoio nas aulas, o professor precisa conhecê-lo previamente – conhecer sua estrutura, sua proposta e possibilidades de trabalho com ou através dele, é necessário analisá-lo cuidadosamente (BRANDÃO, 2014, p. 01).

De acordo com Choppin (2004) os estudos relacionados ao tema apontam quatro funções do livro didático: a *função referencial*, denominada também de curricular ou programática, se trata de um suporte dos conteúdos educativos, um referencial de procedimentos ou competências que um grupo social determina que seja essencial para repassar a outras gerações. A *função instrumental* que coloca em prática metodologias que apresentem uma ordem de atividades, exercícios de acordo com os conteúdos apresentados em capítulos ou unidades visando a memorização, resolução de problemas, métodos de análise dentre outros. Já a *função ideológica* consiste em uma ferramenta indispensável para construção da identidade, vetor da língua, da cultura e dos valores. E por fim, a *função documental* que dispõe de um conjunto de documentos, textos ou imagens, que podem contribuir para desenvolver a criticidade dos alunos.

O professor é o responsável por executar as diferentes funções destinadas a este suporte didático, usufruindo dele de maneira tradicional ou dando outras finalidades. A forma como o docente irá utilizar depende da concepção de ensino que eles têm em suas práticas, de acordo com a formação que teve ao longo da sua trajetória profissional e construção identitária (ROMANOWSKI, MARTINS, 2010). Portanto, os diferentes modos de usar este material têm relação direta com a formação inicial e continuada que os profissionais da educação participaram ao longo de sua história profissional, contribuindo assim, para suas decisões frente as práticas pedagógicas e ao uso dos recursos didáticos. Durante a trajetória escolar, seja ela inicial ou continuada, os estudantes de licenciaturas são inseridos em determinadas situações nas quais são estimulados a pesquisar, a construir autonomia em suas aulas, desenvolver aulas dinâmicas e a exercitar sua criatividade.

Por isso, é necessário que os estudantes de licenciatura entendam e participem do ambiente escolar, e isso ocorre com os estágios e pesquisas

acadêmicas, experiências que promovem uma associação entre teoria e prática. Para que assim, o ato de planejar, organizar e selecionar as diferentes práticas educativas possam ser desenvolvidas.

Ainda, o professor tem que estar preparado para compreender e analisar os materiais disponíveis a ele, observando se o material está de acordo com as realidades das crianças, incluindo a linguagem e imagens, se apresenta temas transversais, se as atividades correspondem ao nível escolar dos estudantes, se os exercícios propiciam o desenvolvimento do lúdico em sala, sobretudo na Educação Infantil é indispensável que o professor seja criativo e usufrua de maneira adequada este dispositivo.

A função deste instrumento impresso tem seu significado para aprendizagem dos alunos, se contar com os esforços de professores e estudantes, para que juntos sistematizem em sala de aula as informações e conhecimentos. Entretanto, sua utilização assume importância diferenciada de acordo com as condições, lugares e situações em que é produzido e utilizado nos diferentes âmbitos escolares (LIMA, 2016 p.02).

O Referencial Curricular para a Educação Infantil(1998), Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (2010) e a Base Nacional Comum Curricular (2017) não mencionam o livro didático para as crianças de 0 a 5 anos, priorizam o lúdico, brincadeiras como fatores essenciais para o desenvolvimento da cultura, porém é necessário discutir sobre a função desse instrumento presentes em muitas creches e pré-escolas.

Segundo Brandão e Silva (2017) há discussões sobre o uso do livro didático na Educação Infantil, que requer uma reflexão de todos que fazem parte da comunidade escolar. Há os que defendem que o livro seria importante para padronizar os conteúdos a serem repassados na escola. Nessa perspectiva, os livros estruturados seriam um suporte seguro para professores inexperientes, tendo em vista que é um material que apresenta diversas temas e atividades para o trabalho pedagógico. Quanto as controvérsias, os autores relatam que com um material estruturado, poderia perder-se a autonomia por outros assuntos que poderiam ser de interesses das crianças, conteúdos estes, que partiriam deles, pois os conteúdos a serem abordados estariam previamente determinados.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (1998) é importante disponibilizar diversos tipos de textos para as crianças, pois a partir desse contato iniciam suas primeiras hipóteses sobre a linguagem escrita. O professor pode utilizar exemplos relacionados ao cotidiano dos alunos para propiciar uma reflexão fonológica, que pode favorecer a apropriação da aprendizagem da leitura e escrita.

[...] nas brincadeiras de faz-de-conta de falar ao telefone tentam imitar as expressões e entonações que elas escutam dos adultos. Podem, gradativamente, separar e reunir, em suas brincadeiras, fragmentos estruturais das frases, apoiando-se em músicas, rimas, parlendas e jogos verbais existentes ou inventados. Brincam, também, com os significados das palavras, inventando nomes para si próprias ou para os outros, em situações de faz-de-conta. Nos diálogos com adultos e com outras crianças, nas situações cotidianas e no faz-de-conta, as crianças imitam expressões que ouvem, experimentando possibilidades de manutenção dos diálogos, negociando sentidos para serem ouvidas, compreendidas e obterem respostas (BRASIL, 1998, p. 126).

As brincadeiras, os jogos, a música, a dança, o faz de conta, rimas, teatros, passeios na escola ou fora dela são recursos que podem ser explorados pelo docente da Educação Infantil e oportunizar uma aprendizagem significativa para as crianças a partir de atividades propostas pelo livro didático.

Cabe ao professor mediar as atividades do livro didático possibilitando o contato com a leitura e escrita, utilizando elementos da realidade dos alunos, como uma roda de conversa, onde eles possam dialogar sobre um livro lido pela professora, instigar os alunos a descreverem um desenho, narrar um filme, passeio, uma viagem, dentre outros exemplos.

A roda de conversa é o momento privilegiado de diálogo e intercâmbio de ideias. Por meio desse exercício cotidiano as crianças podem ampliar suas capacidades comunicativas, como a fluência para falar, perguntar, expor suas ideias, dúvidas e descobertas, ampliar seu vocabulário e aprender a valorizar o grupo como instância de troca e aprendizagem. A participação na roda permite que as crianças aprendam a olhar e a ouvir os amigos, trocando experiências. Pode-se, na roda, contar fatos às crianças, descrever ações e promover uma aproximação com aspectos mais formais da linguagem por meio de situações como ler e contar histórias, cantar ou entoar canções, declamar poesias, dizer parlendas, textos de brincadeiras infantis etc (BRASIL, 1998, p. 138).

Segundo Cagliari (2007), no Brasil os alunos passam nove anos na escola de 1º grau, três anos na de 2º grau e podem passar mais quatro ou cinco em curso superior, e mesmo assim muitos alunos têm dificuldades com a língua

portuguesa, mesmo tendo o contato durante toda sua trajetória escolar. O autor ressalva ainda que isso ocorre porque tende-se a ensinar apenas regras gramaticais para os alunos, esquecendo que eles são nativos da língua, as questões referentes aos textos estudados são óbvias, desconsiderando a capacidade cognitiva dos estudantes, com enunciados que apresentam respostas evidentes.

Portanto, é imprescindível um estudo sobre como é apresentada a leitura e escrita na Educação Infantil, proposta desta pesquisa, pois é nessa fase que as crianças têm os primeiros contatos com a disciplina de linguagem. Assim, rever como ela está sendo transmitida é fundamental para entender as dificuldades presentes nos discentes do Ensino fundamental, Ensino Médio e até nas universidades relacionadas à leitura e a escrita.

2. A LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste capítulo será elencado a importância de trabalhar a leitura e escrita na Educação Infantil, tendo em vista que as crianças têm o contato com ela em seu cotidiano, bem como o papel do professor como mediador da aprendizagem para que as crianças se apropriem delas gradativamente. Também, será destacado algumas das atividades realizadas pelas professoras durante as observações da pesquisa de campo, a concepção das docentes sobre a escolha, importância e frequência da utilização do livro didático e por fim será apresentado os dados obtidos com a entrevista feita com a coordenadora da Educação Infantil do município de Codó sobre a escolha do livro didático utilizado pelas crianças da rede municipal de ensino.

2.1 A mediação docente no desenvolvimento da leitura e escrita na Educação Infantil

Cruvinel et al (2013) define que a linguagem é diálogo por natureza, coletiva e social, é a interação de duas ou mais pessoas, é uma comunicação, pois as pessoas trocam enunciados. A linguagem é contínua, pois com o decorrer do tempo vai se adaptando e se transformando de acordo com a sociedade.

Conforme Maruny, (2000) as crianças aprendem a falar espontaneamente, com o convívio com seus familiares, elas têm o contato com a leitura e escrita na sua cultura, no entanto, o ato de ler e escrever não acontece automaticamente, é preciso que a escola as ensine. E a leitura e escrita podem ser apresentadas e desenvolvidas de maneira lúdica no ambiente escolar, ao ler contos, fábulas, poemas, receitas, notícias o professor proporciona que as crianças percebam os diferentes gêneros textuais, bem como a sua estrutura, como por exemplo, a estrutura de uma receita é diferente da de um poema, ou de uma notícia. Além disso, ao realizar uma leitura para as crianças, o professor também lhes apresenta um modelo de como se lê, entonação, ritmo, ao destacar os pontos principais do texto, os autores, ilustradores dentre outros aspectos.

O ambiente precisa ser planejado para a contação de história, se possível adequar o ambiente ao da história, vestimentas relacionadas, objetos, ou imagens, inserir as crianças na história, para que elas se sintam participantes e

se concentrem para a leitura. O docente pode realizar pausa para questionar as crianças, para que elas reflitam sobre a história, aprendam a identificar os personagens principais, onde a história acontece, o enredo, propiciando assim a compreensão e interpretação do texto lido (LIMA, ARAÚJO, 2017).

A memorização de canções na Educação infantil também é uma ferramenta para apresentar as crianças as variações da língua oral como enfatiza Maruny (2000):

Memorização de textos é uma tarefa tradicional na escola e fora dela. Memorizam-se canções, poemas, versos, fragmentos de contos, anúncios, chistes, piadas, etc. Entre outros objetivos, a memorização serve para aprender e verbalizar textos escritos com suas características próprias, diferentes das da forma oral. Reforça, também, o valor do escrito e a verbalização como jogo, entretenimentos, prazer. Se o texto está bem escrito, ele educa a sensibilidade estética (MARUNY, 2000, p. 129).

O trabalho com a leitura e escrita na Educação Infantil, objetiva que a criança amplie seu conhecimento. Para isso, é necessário que a prática pedagógica propicie o desenvolvimento de experiências significativas para a cultura letrada e a cultura infantil. O desenvolvimento da linguagem oral e escrita pode ser realizado com estratégias para que o lúdico não perca lugar para o foco em alfabetizar as crianças. (BAPTISTA, 2010).

Segundo Cruvinel et al (2013, p. 04) “a aprendizagem da escrita provoca um salto de qualidade no desenvolvimento de quem aprende a ler e escrever, já que o aprendizado desenvolve os mecanismos cerebrais que usamos para pensar”. Incentivar que as crianças escrevam palavras ou pequenos textos espontaneamente, mesmo que não esteja de acordo com as normas, é essencial para que elas percebam a leitura e escrita com um significado social. O professor precisa ter consciência que ao incentivar o ato de ler e escrever é uma forma de inserir os seus alunos em sua cultura letrada (TEIXEIRA, 2016).

Para que o ensino da linguagem oral e escrita seja eficiente é necessário que desde a Educação Infantil as crianças reflitam sobre sua fala e escrita, e entendam que estas são indispensáveis para a sociedade. Rodrigues e Gama (2014) destacam que para conscientizar as crianças disso não é preciso que o ensino seja somente codificação e decodificação, com exercícios prontos e copias é necessário inverter o jogo:

A criança deve ser estimulada a buscar respostas às suas perguntas em lugar de receber as respostas às perguntas que ela não fez. Isso

exige do professor das séries iniciais um forte conhecimento linguístico, pois há um programa pela frente durante o ano letivo e ele deve ter noção do rumo que toma. O que está por trás de uma gramática falada na Educação Infantil e nas séries iniciais é a possibilidade de trocar a ideia de curso pela de percurso, justamente porque na oralidade encontramos intacto o processo de criação linguística da criança, que é quase invisível na escrita. Se a criança, depois de alfabetizada e já em condições, fizer transcrições de entrevistas, os processos ficarão evidentes, facilitando a formulação de perguntas (RODRIGUES, GAMA, 2014, p. 27, 28).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC)⁵ no campo de experiência escuta, fala, pensamento e imaginação orienta que as crianças pequenas de 4 anos a 5 anos e 11 meses, aprendam a expressar-se com ideias, desejos e sentimentos, usando a linguagem oral e escrita espontânea, sejam instigadas a desenvolver brincadeiras cantadas, poemas, canções, rimas e ritmos. Seja disponibilizado livros para que elas possam folhear, orientando-se por meio de imagens, tentando identificar palavras conhecidas, dramatizem histórias, para que em grupos possam encenar, definindo os personagens e o enredo da história, recontem histórias lidas pela professora.

Teixeira (2016) destaca ainda outras habilidades que podem ser desenvolvidas por meio da leitura e escrita na sociedade:

Além da formação pessoal o espaço escola e a mediação do professor é muito importante para que a criança se sinta importante e valorizada, desta forma ela se incentiva a aprender mais e mais. A aprendizagem da leitura e da escrita solicita, em especial, que a criança aprenda como o sistema de escrita acontece e que haja uma complexa conexão dos

⁵ A BNCC apresenta cinco campos de experiências para o ensino na educação infantil que orientam algumas atividades essenciais para que a criança aprenda e se desenvolva. Destaca o direito de aprendizagem de bebês (de 0 a 1 ano e 6 meses) crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses) e crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses).

1º O eu, o outro e o nós: ressalva atividade que proporcionem a construção da identidade e da subjetividade, o conhecimento de si mesmo, a construção de relações com professores e colegas de turma. Este campo, destaca também o desenvolvimento do sentimento, o respeito e o valor as diferentes tradições culturais.

2º Corpo, gestos e movimentos: destaca atividades que proporcionem que as crianças explorem os espaços com o corpo e as diferentes formas de movimentos, o campo dar enfoque para as brincadeiras de faz de conta, que promove a criatividade e imaginação. A escola precisa promover experiências para que as crianças explorem seus movimentos corporais, gestos, olhares, sons, mímicas e etc.

3º Traços, sons, cores e formas: realça que na rotina escolar, ao conviver com as diversas manifestações artísticas e culturais, e essa diversidade, faz com que as crianças vivenciem diversas formas de expressão e linguagens. E assim, esses conhecimentos, propicia que elas se expressem por diferentes linguagens. Enfatiza as experiências de escuta ativa, assim como a criação musical, com o envolvimento dos sons e ritmos. Ainda valoriza o manuseio de diferentes objetos sonoros ou instrumentos musicais, valoriza ainda as produções das crianças como o desenho, pintura, colagem, gravura, modelagem e etc.

4º Escuta, fala, pensamento e imaginação: ressalva as práticas com a linguagem oral, com as conversas, canções, brincadeiras de roda, jogos cantados, etc. Destaca ainda as experiências com a leitura de histórias que proporcionam o desenvolvimento da leitura, tenham contato com diferentes gêneros textuais, contos, fábulas, cordéis, receitas etc, convidando a criança a observar os detalhes do texto e das imagens, imaginar cenários, construir novas histórias.

5º Espaço, tempos, quantidades, relações e transformações: enfatiza saberes que favoreçam a construção de noções espaciais, como a noção de longe e perto, ainda ressalva os conhecimentos relacionadas ao tempo físico, como dia e noite, estações do ano e cronológico, ontem, hoje, amanhã, mês e ano. Experiências com procedimentos de contagem, aprendam a somar e subtrair quantidades, comparem peso, reconheçam as formas geométricas, numerais cardinais e ordenais e etc.

processos neurológicos e de uma suave evolução de habilidades básicas como percepção, esquema corporal, lateralidade, etc., O professor deve ao aplicar atividades, elaborá-las de forma diversificada e ao aplicá-la na sala de aula, deve sempre enfatizar a importância de sua utilização nas práticas sociais (TEIXEIRA, 2016. p. 07).

Brandão e Silva (2017) apontam que há divergências quanto o ensino da leitura e da escrita na Educação Infantil, pessoas que defendem que as crianças deveriam ser alfabetizadas antes dos seis anos, que seria o ensino com atividades preparatórias para aprender a ler e escrever, e então seriam apresentadas atividades de cópia, repetição e identificação de letras e sons isolados, sílabas e palavras. E aqueles que afirmam que o trabalho seria quase que exclusivamente com a linguagem corporal, visual, música dentre outras linguagens.

Quando não há discussões e reflexões sobre como apresentar a leitura e escrita para as crianças, os professores tendem a reproduzir as mesmas metodologias a que foram submetidos, como afirma Stemmer (2007):

Como comumente a aprendizagem da leitura e da escrita não tem sido sequer considerada na educação infantil, o que existe é um total desconhecimento do assunto. O resultado mais imediato é que os professores diante do evidente interesse demonstrado pelas crianças em querer aprender a ler e escrever ficam sem saber o que fazer, e em muitos casos, acabam por reproduzir práticas de ensino a que eles próprios estiveram submetidos em suas experiências escolares, sem, no entanto, terem o conhecimento necessário para compreender as razões do que fazem e sem subsídio teórico algum para alicerçar suas práticas. (BRANDÃO e SOUSA, 2017 APUD STEMMER 2007, p. 136)

Como descrito acima há controvérsias no que diz respeito ao ato de ler e da escrita na Educação Infantil, no entanto, é indiscutível que apresentá-los as crianças pode contribuir para a formação de sujeitos sociais, tendo em vista que a leitura e escrita estão presentes no cotidiano da criança. O professor pode propiciar o desenvolvimento das crianças sem deixar os jogos e brincadeiras, pois a aprendizagem da leitura e escrita pode ocorrer na sua interação com outros, com os cartazes na sala de aula, por meio das histórias contadas, nos jogos educativos e brincadeiras que o professor pode adaptar de acordo com seus objetivos para cada aula.

A rotina da Educação Infantil permite que a crianças tenham o contato com a língua oral e escrita a todo o momento, ao observar no calendário dia e mês, as fichas com os nomes de cada aluno, as canções, os vídeos, e o docente

pode disponibilizar os mais diferentes gêneros textuais para que as crianças aprendam desde cedo a diversidade textual.

2.2 Principais atividades desenvolvidas pelas docentes durante a pesquisa de campo

O presente trabalho, como já mencionado teve como foco uma pesquisa qualitativa do tipo documental, pois objetivou analisar o livro didático “Aprender Construindo 3” utilizado por uma turma do nível Pré II, das autoras Iana Mamede e Amelia (2014). A autora, Iana Mamede Accioly, possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará, formou-se em 2001, com especialização em Alfabetização pela Faculdade 7 de setembro e mestrado em Ciências da Educação pela Universidade Nova de Lisboa⁶ e autora Amelia Albuquerque de Almeida, possui graduação em Licenciatura e Bacharel em Química pela Universidade Federal Fluminense, atualmente é professora assistente da Universidade Veiga de Almeida⁷.

A pesquisa foi de cunho descritiva qualitativa e teve como técnica a observação participativa. As observações ocorreram na escola Municipal Reinaldo Zaidan, localizada na Av. Dr. José Anselmo, bairro São Benedito, na turma de nível Pré II, composta por 14 alunos, entre 5 e 6 anos, o caderno de anotações foi utilizado para pontuar as dificuldades apresentadas pelos estudantes, os recursos utilizados pela professora, tempo destinados para a realização dos exercícios e outros instrumentos utilizados para a realização das atividades.

A instituição possui 26 funcionários, destes 17 são professores para os dois turnos. Possui uma secretária, uma cantina, uma sala de informática, dois banheiros e cinco salas de aula amplas com exceção da sala do Pré II, que é a sala menor, porém comporta todos os alunos confortavelmente, todas as salas também são bem climatizadas. No turno matutino funciona a Educação Infantil, tendo cinco salas, destas, uma sala de maternal 2 anos, uma maternal 3 anos, duas salas de nível Pré 1 e uma sala de nível Pré 2, o horário das aulas é de 7:

⁶ Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/3549787/iana-mamede-accioly> acesso em: 31/07/2019

⁷ Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/1328622/amelia-albuquerque-de-almeida> acesso em: 31/07/2019

30 horas às 11:00 horas. E no turno vespertino, Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano, sendo uma sala para cada ano.

As atividades a serem apresentadas fazem parte da rotina das duas professoras da turma de nível Pré II, da escola Municipal Reinaldo Zaidan, a escola foi escolhida durante o estágio em gestão, pois a diretora foi receptiva e se colocou à disposição para eventuais pesquisas acadêmicas, bem como as professoras, a escola apresentou a nota 4.0, na avaliação do IDEB 2017 (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica). A professora A, era a regente da turma e a professora B, a HP⁸. A pesquisa de campo ocorreu durante o segundo semestre do ano de 2019, além das observações em sala, foi possível entrevistar todas as seis professoras que utilizavam o livro didático na escola.

O estudo permitiu observar como duas professoras administravam e planejavam suas aulas na turma de nível Pré II. A professora regente trabalha como docente há 15 anos, e lecionava de segunda a quinta, serão apresentadas sete atividades realizadas com as crianças, que incluíam jogos, dinâmicas e bingos. Já a professora HP, exerce a docência há 10 anos, seu dia de lecionar na turma, era apenas nas sextas-feiras. A pesquisa durou cerca de três meses, de 01 de setembro a 13 de dezembro de 2019, porém a partir do mês de novembro as observações ocorreram no dia em que a HP lecionava, em virtude disso e dos feriados, as observações com ela foram três encontros e após encerrou-se o ano letivo.

A rotina diária da professora regente era organizada da seguinte forma, assim que as crianças chegavam ficavam sentadas em seus respectivos lugares, conversando até às 8:00 horas, que era o horário do início das atividades. A priori a docente perguntava as crianças qual era o dia, mês e ano, utilizando o calendário, contava juntamente com as crianças quantas havia no respectivo dia e as questionava quem havia faltado. Nas quatro primeiras semanas a professora realizava um jogo ou dinâmica antes de iniciar a aula, que serão destacadas posteriormente.

A seguir serão destacadas seis atividades realizadas pela professora regente, objetivando apresentar que é possível a utilização do livro didático e o

⁸ No município é designado um professor para ser o responsável pela turma no dia do horário pedagógico do professor regente.

lúdico na Educação Infantil, as atividades foram: dinâmica da caixa de repolho, bingo das consoantes, caixa musical, dinâmica picolé da leitura e uma atividade sobre a canção *peixe vivo*, para trabalhar a escrita sistematicamente. Essas atividades foram escolhidas, pelo fato das as crianças participarem mais nessas atividades, do que quando ficavam somente respondendo atividades do livro didático, além disso, essas atividades objetivavam promover o aprendizado com o lúdico, tão recomendado para a Educação Infantil.

A professora regente frequentemente fazia a leitura de alguns livros para as crianças, elas ficavam atentas a histórias lidas, ela realizava pausas durante a leitura para questionar as crianças, para que assim ficassem concentradas. A primeira leitura observada foi do livro *Lili lia que lia*, da editora IMEPH, da autora Lenice Gomes. Antes de iniciar a leitura, a professora apresentava a capa, destacando o autor(a) e ilustrador (a), como também fazia algumas perguntas como: O que Lili gostava de fazer? Quais as palavras quentes? Quais as palavras frias? Qual palavra rimou na história com alecrim? E assim que terminava a leitura, perguntava as crianças se tinham gostado da história, o que tinham aprendido com a leitura e se tinham gostado do final.

A professora regente também fez um bingo com as crianças, objetivando o reconhecimento somente das consoantes. Ela entregava as cartelas com todas as letras do alfabeto e as sorteava utilizando uma caixa. Destaco que o jogo só terminava quando todas as crianças haviam marcado todas as letras, assim todos ganhavam o brinde. Quando se tratava de jogos, dinâmicas ou brincadeiras, os alunos eram participativos e atentos as regras, no caso do bingo ficavam atentos para marcar sua cartela, ressaltando que quando alguma criança se distraía o colega sempre o alertava avisando que ele tinha a letra sorteada, ou se alguma criança não reconhecia a letra, a professora a questionava se na sua cartela não tinha a letra, caso a criança não conseguisse encontrar ela mostrava a letra no painel alfabético.

Outra atividade foi uma dinâmica com a caixa musical, na qual havia CD's com figuras que representam canções infantis, havia desenhos de casa, formiga, aranha e etc. A professora retirava o CD e as crianças cantariam a música conforme a figura representada, os alunos gostavam e participavam de atividades que envolviam canções, tentavam acompanhar as letras e até

realizavam movimentos corporais, Oliveira (et al, 1998). ressalta sobre as canções na Educação Infantil:

Quando a criança escuta uma música, ela se concentra e tende a acompanhá-la, cantando e fazendo movimentos com o corpo. Isso desenvolve o senso do ritmo nos pequeninos. Aprendendo a ouvir, a criança pode repetir uma música, recriando-a. É importante que nós, educadores, valorizemos o ato de criação da criança, para que ele seja significativo no seu contexto de desenvolvimento (OLIVEIRA, BERNARDES e RODRIGUEZ, 1998, p. 104).

Também, foi realizada a dinâmica da caixa do repolho (Fig. 3), dentro caixa haviam papéis enrolados com as letras do alfabeto, um papel dentro do outro em formato de uma bola, como se fosse folhas de repolho, por isso a denominação de caixa de repolho. A brincadeira foi realizada com o intuito de trabalhar o reconhecimento das letras do alfabeto, dentro da caixa tinham pedaços de papéis com as letras do alfabeto, a brincadeira consistia em cada criança tirar um papelzinho da caixa, identificar e colocar no painel alfabético a letra correspondente. Foi observado que algumas crianças apresentavam dificuldades para diferenciar letras de números, bem como para identificar algumas letras do alfabeto. Quando esta atividade foi realizada, alguns alunos tiveram dificuldades para reconhecer e identificar a letra, a professora esperava alguns segundos e caso a criança não conseguisse, solicitava que outro aluno auxiliasse o colega.

Figura 3: Dinâmica da caixa do repolho



Fonte: autoria própria

Outra brincadeira interessante que a docente realizou foi o *picolé da leitura*, (Fig. 4) objetivava o reconhecimento dos seus nomes, pois algumas crianças tinham dificuldades de escrevê-los. Havia uma caixa de isopor, com os nomes de todas as crianças, coladas em picolés feito com EVA, a dinâmica consistia em retirar um picolé de forma aleatória, as crianças tinham que encontrar seus respectivos nomes que estavam nas mãos dos colegas. Foi possível observar que algumas crianças sabiam as letras que compunham o nome dos seus colegas e além de encontrarem seus respectivos nomes, identificaram também de seus colegas de turma.

Maruny (2000), destaca a importância do nome próprio para as crianças, das pessoas que fazem parte de seu convívio.

[...] O primeiro texto que a criança quer reconhecer(ler) e escrever é seu próprio nome. Também se interessa pelo nome de seus pais e irmãos, de seus colegas e professores, dos animais de estimação e dos objetos preferidos. [...] Não se trata unicamente de olhar os nomes próprios escritos na aula. Trata-se lê-los(reconhecê-los) e escrevê-los: ao passar a lista, ao repartir o material, ao ver os que ficam pra comer, ou faltam na aula, ou estão ocupados, em algo especial, etc. (MARUNY,2000, p. 134).

Figura 4: Dinâmica Picolé da leitura



Fonte: autoria própria

A atividade com a canção do peixe vivo utilizou o cartaz distribuído pela editora juntamente com o livro didático que acompanhava alguns textos, assim a professora utilizava deste recurso para mostrar a estrutura do texto às crianças. Neste dia, ela cantou com as crianças a música peixe vivo, após a canção retirou do texto algumas palavras, como: água, tua, como e viver, para trabalhar sistematicamente a escrita, e juntamente com as crianças contavam a quantidade de letras e sílabas, e a letra inicial e final das palavras, como exposto na imagem abaixo (Fig. 5).

Figura 5: Atividade da canção peixe vivo



Fonte: autoria própria

Atividades como a descrita acima ocorriam com frequência, a maioria dos textos trabalhados a docente retirava algumas palavras para explorar, solicitava que as crianças identificassem o título dos textos, para grifar ou colorir. Além disso, as vezes as crianças eram direcionadas até a sala de informática para assistir vídeos de algumas canções do livro, histórias ou para assistir filmes, como o filme *Tainá: uma aventura na Amazônia*, em sala a professora abordou sobre onde os índios residem, adereços e sua alimentação. Outra atividade que comumente era realizada utilizando o livro, consistia em identificar o título do texto, de canções, história ou parlenda, a professora solicitava que as crianças pintassem ou reescrevessem o título, algumas crianças apresentavam dificuldades para reescrever e até mesmo para identificar o título nos textos. Teberosky (1993), descreve duas consequências ao se escrever títulos:

[...] A escrita de títulos é uma atividade relacionada com o texto correspondente, porque o título é o nome, se entendemos o texto como

um objeto. O referente, nesse caso, não é um objeto qualquer, é um objeto do mundo gráfico. Como consequência, a extensão dos objetos referidos fica limitada. Os títulos dos textos informam sobre diversas convenções daquilo que está escrito: lugar que ocupa a totalidade do texto, separação entre palavras, modelos possíveis de enunciados etc. Por isso, os títulos podem vir a ser, como o próprio nome, fonte de conflito entre as ideias das crianças e a realidade convencional do texto (TEBEROSKY, 1993. p. 65).

No entanto, as atividades de escrever títulos requer um alto nível de competência, pois somente aquelas crianças que escrevem de maneira tradicional conseguem observar um exemplo e copiá-lo. Porém, em qualquer atividade é necessário a intervenção do professor, para realizar a mediação entre as ideias das crianças e a realidade do texto (TEBEROSKY, 1993).

A professora também realizou a leitura de alguns livros como por exemplo: *Muito, muito longe* de John Segal e *Números, bichos e flores* de Cléo Bussatto. Teberosky (1993) enfatiza sobre a leitura regular de contos em sala de aula, que influencia “muito o seu conteúdo, aspecto como a fórmula de início e final, determinados tempos verbais, o uso de referências espaciais e temporais não precisas, a coesão de tempos e de léxico e etc.” Maruny (2000) destaca que além das leituras em sala é necessário que outros procedimentos sejam levados em consideração:

Outros procedimentos de articulação entre o escrito e o oral, derivados da leitura que se faz à criança ou que ela faz quando pode fazê-lo, consistem em tarefas de memorizar, recitar, dramatizar, cantar ou falar dos textos. Tais tarefas requerem, também, procedimentos específicos: pronúncia, ritmo, entonação e gesticulação adequados ao conteúdo do texto e à intenção comunicativa (MARUNY, 2000, p. 126).

Nas três primeiras semanas, a docente utilizou o lúdico para promover o ensino, com jogos, brincadeiras e dinâmicas. Nas semanas posteriores, foi observado que o foco estava em trabalhar as atividades do livro, as aulas consistiam em leitura dos textos, as vezes utilizando os banners que continham as canções ou histórias, para que as crianças identificassem o título e palavras repetidas no texto, e a seguir respondiam os exercícios propostos no livro didático.

A rotina da professora HP, era administrada da seguinte forma, as crianças chegavam e eram disponibilizados brinquedos, e elas ficavam livres para brincar até as 8:00 ou 8:20 (Fig. 6). Após, a professora também lhes perguntava qual era o dia, mês e ano, a seguir as crianças realizavam as

atividades do livro ou atividade xerocopiadas, até o momento do intervalo às 9:30. Quando o momento recreativo não ocorria no início da aula, era realizado ao término das atividades, as crianças ficavam brincando, até os responsáveis irem buscá-las.

Figura 6: Crianças brincando com os brinquedos de encaixe



Fonte: autoria própria

Quando as crianças voltavam do intervalo a professora sempre colocava uma música e solicitavam que as crianças colocassem a cabeça na carteira e fechassem os olhos, e como geralmente as crianças retornam do intervalo agitadas, esta técnica funcionava muito bem. A professora HP usufruía muito das atividades de recortes presente no anexo do livro, e era uma das atividades preferidas das crianças. Além disso, a docente sempre destinava um tempo para as crianças brincarem ou realizarem alguma dinâmica. A professora também solicitava todas as vezes que as crianças escrevessem o cabeçalho com o nome da escola, data e seu nome.

Com as observações em sala foi possível verificar que as professoras planejam suas aulas, tem domínio de sala, realizaram algumas atividades envolvendo o lúdico, com jogos, dinâmicas e com os brinquedos, respeitavam o tempo de aprendizado de cada criança. No entanto, as crianças passavam muito tempo realizando atividades do livro didático, as vezes respondiam aos

exercícios de 8: 30 até 9:30, momento do intervalo, e quando retornavam continuavam realizando exercícios até o momento da saída.

Ademais, foi observado que havia uma cobrança para que todas as atividades do livro fossem respondidas até o final do ano letivo, talvez, por este fato as professoras organizavam as suas aulas de modo que as crianças passavam muito tempo utilizando o livro didático. Em algumas atividades apresentavam dificuldades, principalmente naqueles que tinham que transcrever palavras de texto ou do quadro, como por exemplo, alguns alunos não conseguiam identificar o título dos textos, ao copiarem o nome da escola para o caderno, algumas não conseguiam transcrever o nome da escola corretamente, mesmo estando no quadro. Foi observado que as crianças que apresentavam mais dificuldades eram aquelas que apresentavam dificuldade de concentravam durante as aulas, no entanto, as professoras não tomaram nenhuma iniciativa quanto a esses alunos.

A utilização do livro didático vem sendo alvo de reflexões, principalmente na Educação Infantil, como mencionado anteriormente. Um dos pontos negativos é o fato das crianças passarem muito tempo respondendo as atividades, como também o fato do material substituir assuntos que poderiam partir do interesse das crianças, pois os temas a serem abordados já estariam definidos. A organização desse material, no que diz respeito a seu aspecto visual, escolha, a inclusão de temas regionais, a possibilidade de propiciar um ensino significativos para os alunos, são questões importantes a serem refletidas ao adotar-se o livro didático. Santos (2016) menciona que o planejamento é essencial para a utilização do livro didático de maneira eficiente:

Percebe-se que a atividade de planejar as aulas é uma forma de evitar o imprevisto, prever o futuro estabelecendo os caminhos que podem executar as ações educativas. As ações de planejar são importantes para uma boa atuação profissional e servem como uma guia de orientação onde deve conter objetividade, coerência e flexibilidade. A flexibilidade ocorre exatamente porque nem sempre as aulas planejadas são executadas como no roteiro e no caso do livro didático existe um distanciamento de assuntos em relação a vivência do cotidiano do aluno, então, podem acontecer fatos que precisam ser trabalhados em aula que não estão contidos no roteiro do livro (SANTOS, 2016 p. 5).

O livro didático é um dos diversos instrumentos utilizados pelos professores no ambiente escolar, é preciso que ele saiba selecionar os

conteúdos e atividades para seus alunos. Por isso, é importante o planejamento, pois as crianças não podem responder atividades durante todo período que ficam na escola, principalmente na Educação Infantil.

2.3 Concepção das docentes e da coordenadora da Educação Infantil a respeito da utilização do livro

Ao final das observações foi entregue um questionário subjetivo contendo 10 perguntas, para as professoras que utilizam o livro didático na escola descrita acima, com o intuito de averiguar a opinião das docentes sobre a escolha, importância e frequência da utilização do livro didático. Ocorreu ainda uma visita a Secretaria de Educação, para obter mais informações com a coordenadora da Educação Infantil sobre a escolha do material didático para o Município de Codó-MA⁹. Posteriormente, foi feita a análise do livro, tendo como base as orientações para a Educação Infantil, será descrita no capítulo posterior.

Após a realização das observações em sala de aula, foi entregue um questionário contendo dez perguntas objetivas aos docentes da escola pesquisada para averiguar a opinião das professoras em relação à utilização do livro didático (Apêndice I). Para manter o anonimato das professoras, a pesquisa indicará as letras de A a F para apresentar os dados analisados.

O questionário foi direcionado as professoras da Educação Infantil, havia sete professoras na escola, destas, seis professoras contribuíram com o estudo, pois o livro didático é utilizado na escola a partir do maternal (3 anos). Como mostra a tabela abaixo todas as professoras são formadas em pedagogia, duas delas tem pós-graduação em Educação Infantil e Ciências Humanas, a maioria das entrevistadas atuam a mais de nove anos como docente.

⁹ Codó é uma cidade localizada no estado do Maranhão, o município se estende por 4 361,3 km² e sua população foi estimada em 122 859 habitantes, conforme dados do IBGE de 2019, sendo então o sexto município mais populoso do Estado. A densidade demográfica é de 28,2 habitantes por km² no território do município. Vizinho dos municípios de Aldeias Altas e Timbiras, se situa a 75 km a Norte-Oeste de Caxias. A cidade possui 170 escolas, todas funcionando na modalidade de educação infantil e ensino fundamental do 1º ao 9º ano, nos turnos matutino e vespertino. A zona urbana possui 16.589 alunos distribuídos em 61 escolas municipais. Na zona rural possui 109 escolas com 7.126 alunos distribuídos em dezesseis polos: 1) Bacabinha; 2) Barracão; 3) Boa Vista; 4) Boi não berra; 5) Bom Jesus; 6) Boqueirão; 7) Cajazeiras; 8) Canto do Coxo; 9) Centro dos Monteiros; 10) Km17; 11) Montevidéu; 12) Palmeira do Norte; 13) Santa Rita; 14) Santana do Machado; 15) Santana Velha; 16) Viração (CENSO ESCOLAR, 2019)

Quadro 1: Dados das professoras entrevistadas

	Formação	Tempo de docência	Turma	Quant. de alunos
Professora A	Pedagogia e Biologia	10 anos	Pré II	14
Professora B	Letras e Pedagogia	15 anos	Pré I	14
Professora C	Magistério e Pedagogia	2 anos	Maternal	20
Professora D	Pedagogia	5 anos	Maternal	20
Professora E	Pedagogia e Pós-Graduação na Educação Infantil	19 anos	Pré I	14
Professora F	Pedagogia e Pós-Graduação em ciências humanas	15 anos	Pré II	14

Fonte: autoria própria

O questionário aplicado aos docentes continha questões referentes à escolha, participação, utilização e frequência do livro didática em sala aula. Além de perguntas relacionadas as capacitações docentes para o uso do material e também sobre a concepção de leitura e escrita presente no livro didático.

Ao perguntar às professoras sobre a escolha do livro didático, a maioria com exceção de uma, não soube indicar como havia sido feita, elas responderam que quando chegaram na escola o livro já havia sido escolhido, mas uma delas pontuou a seguinte frase “Simplesmente não fomos convidadas para a escolha”. Rangel (2005, p. 33), enfatiza que é preciso “organizar a equipe escolar para o processo de escolha do livro didático, de forma a incluir todos os educadores diretamente responsáveis pelo ensino”.

Foi percebido que nenhuma professora participou da escolha do livro didático e nem sabiam informar como havia sido feita, contudo ressaltaram que o livro teria sido adotado no município em 2016. Entretanto, consideraram a importância do livro ao facilitar a rotina em sala de aula, ao apresentar diferentes atividades para trabalhar a leitura. Ao perguntar sobre a adequação dos livros à idade de criança, as professoras responderam que o livro condiz com o nível das

crianças, uma entrevistada destacou “a princípio as crianças encontraram um pouco de dificuldade, mas logo se adaptaram muito bem”.

Ainda foi observado que as professoras além de trabalharem o livro didático, usam atividades xerocopiadas para abordar assuntos que não são abordados no livro, como as datas comemorativas, ou para atividades para casa, pois os livros ficam na escola. Sobre a utilização do livro didático, mencionaram que preferem utilizá-lo nos primeiros horários, pois as crianças ficam mais concentradas, ressalvo a resposta de uma das professoras: “O livro é dividido por unidade com temas específicos, eu trabalho a unidade que eu acho necessária para aquele mês e não necessariamente na ordem”.

No que diz respeito a frequência da utilização do livro didático, as professoras das turmas de maternal e nível Pré I, responderam que utilizam duas ou três vezes na semana e as do nível Pré II, todos os dias. Quanto aos pontos negativos e positivos do livro didático, as entrevistadas responderam como ponto positivo é a variedade de gêneros textuais que o livro apresenta e que seu manuseio promove a criticidade, e como negativo abordaram que o livro apresenta poucos exercícios para exercitar a escrita, destacaram que o livro poderia apresentar atividades de cobrir para que as crianças pudessem exercitar sua escrita. Vale ressaltar, que Vasconcellos (2008) apresenta uma concepção divergente sobre as atividades cobrir pontilhados:

Uma outra implicação desse modo de olhar as crianças é que os espaços de Educação Infantil devem permitir que a criança se constitua autora de seu processo de desenvolvimento e de aprendizagem, valorizando seus movimentos, expressões, ações, falas, narrativas e produções. Dessa forma, também não há lugar para as práticas em que as crianças são meras reprodutoras, das quais se espera que aprendam a colorir formas predeterminadas, cobrir caminhos pontilhados, treinar movimentos de coordenação motora ampla e fina e outras atividades do mesmo gênero. É preciso que a criança seja vista como sujeito que cria a partir do que conhece, pensa e sente sobre o mundo (VASCONCELLOS, 2008, p.93).

As professoras enfatizaram que participaram de capacitação para trabalhar com o livro didático, e a prefeitura é a responsável pelos custos. Sobre a relevância da formação, responderam que a capacitação é importante, ocorre três vezes ao ano, é explicado os temas de cada unidade, são orientadas quanto ao manuseio do livro didático, “ aprendemos como desenvolver as unidades do

livro de forma lúdica, fazendo principalmente que aquelas atividades passem a ter significado para o aluno”.

E por fim, ao serem questionadas sobre a concepção de leitura e escrita apresentado no livro didático, as professoras não souberam responder ao questionamento, afirmaram que as atividades presentes no livro estão de acordo com as orientações da BNCC, que o livro aborda muito a leitura de imagens, no entanto, apresenta poucas atividades voltadas para a escrita, ressalvo a opinião de uma delas: “Alfabetização e letramento, todas as unidades tem um texto central, a partir delas todas as outras atividades são desenvolvidas.”

Além disso, através dos questionários aplicados e conversas informais, a diretora da escola e professoras mencionaram que o livro didático facilitou o processo de ensino e aprendizagem, além da economia em cópias, pois antes elas usavam muito atividades xerocopiadas. É possível observar que na concepção das docentes o livro é uma ferramenta importante e que ele contribui para a aprendizagem. Contudo, se tratando da Educação Infantil essa utilização é muito frequente, e conseqüentemente resulta na substituição do lúdico em alguns momentos, pois as crianças passam muito tempo respondendo atividades do livro, quando não, atividades impressas. Destaco que as professoras foram muito receptivas, assim como os demais profissionais da escola, contribuíram de forma significativa para o trabalho, mesmo estando muito atarefadas com as atividades do final do ano letivo, todas as entrevistadas se dispuseram a responder o questionário.

Com a coordenadora da Educação Infantil do município, foi elaborado um roteiro contendo sete perguntas sobre o processo de escolha do livro didático (Apêndice II). A coordenadora, é formada em Letras e em Língua portuguesa, atua há três anos na secretaria de educação com este cargo. Ao iniciar a entrevista para as duas primeiras perguntas, que abordavam sobre o processo escolha do livro didático, a coordenadora disponibilizou um parecer para responder estas perguntas, no entanto o parecer contém a análise do material didático para o município. (Anexo 1)

Quanto aos profissionais responsáveis por escolherem o livro didático, a coordenadora mencionou que são os coordenadores e supervisores da

Educação Infantil. Sobre a adesão do livro e periodicidade da escolha a coordenadora informou que o livro didático teria sido adotado em 2012, para a Educação Infantil e anualmente são feitas compras.

Ainda foi questionada sobre a capacitação aos professores, a mesma informou que ocorrem três formações ao ano, e os professoras são orientados como devem utilizar o livro em sala de aula. Sobre os pontos negativos e positivos da adoção do livro didático para a Educação Infantil no município, em sua concepção não há pontos negativos, somente positivos, pois o material só veio para somar, auxiliar o professor em sala de aula e assim, não há pontos negativos, irá depender da forma como o docente irá utilizar a ferramenta. E por fim, foi perguntado sobre a concepção de leitura e escrita defendida pelo livro didático escolhido, segundo a coordenadora na Educação infantil trabalhar a leitura e escrita seria alfabetizar crianças, e não alfabetiza nessa etapa, é necessário prezar pelo lúdico, o trabalho com a leitura e escrita são responsabilidade dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Na Educação Infantil, o trabalho coma leitura e escrita não se trata de antecipar os conteúdos do Ensino fundamental, mas, possibilitar que crianças reconheçam a importância e função do ato de ler e escrever para a sociedade. E isso, pode ser construído gradativamente, a rotina das creches e Pré-escolas proporciona que isso ocorra com o lúdico. Como já mencionado, ao longo de todo este trabalho, a linguagem está presente em nosso cotidiano, no caminho até a escola, ao observar nomes de lojas, supermercados, cartazes, etc. É importante que desde cedo as crianças percebam os diversos emissores de textos, observar e identificar a estrutura de revistas, histórias em quadrinhos, jornais, panfletos, receitas, poemas, etc. A leitura tem que fazer parte da rotina das crianças, escrever palavras das histórias contadas ou das canções, para que as crianças observem as letras que as compõem, disponibilizar diferentes tipos de textos, permitir a leitura e escrita espontânea, são diversas possibilidades para apresentar a linguagem oral e escrita para as crianças, sem deixar a ludicidade.

3. LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ANÁLISE DIDÁTICA

Neste capítulo será descrito o papel da escola para o desenvolvimento da leitura e escrita na Educação Infantil, além da análise do livro *Aprender Construindo 3*, com base nas orientações da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) DCNEI (Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil) e RCNEI (Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil) acrescentando as observações realizadas em campo. Também, será exposto o resultado da atividade diagnóstica feita com as crianças.

3.1 A leitura e escrita no livro *Aprender Construindo 3*

A linguagem, seja ela oral ou escrita, está presente no cotidiano de qualquer pessoa, ao escutar uma música, ler uma revista, assistir um noticiário, buscar um endereço, ler e compartilhar mensagens nas redes sociais, dentre outras atividades que comumente são realizadas diariamente. As crianças têm o contato com a linguagem oral e escrita, mesmo antes de iniciarem o processo de alfabetização, antes de irem à escola, ao terem contato com anúncios, rótulos de produtos, propagandas, letras de canções em vídeo, panfletos, outdoors, receitas, revistas, livros dentre outros emissores de textos.

Teberosky e Cardoso (1993) reafirmam essa concepção:

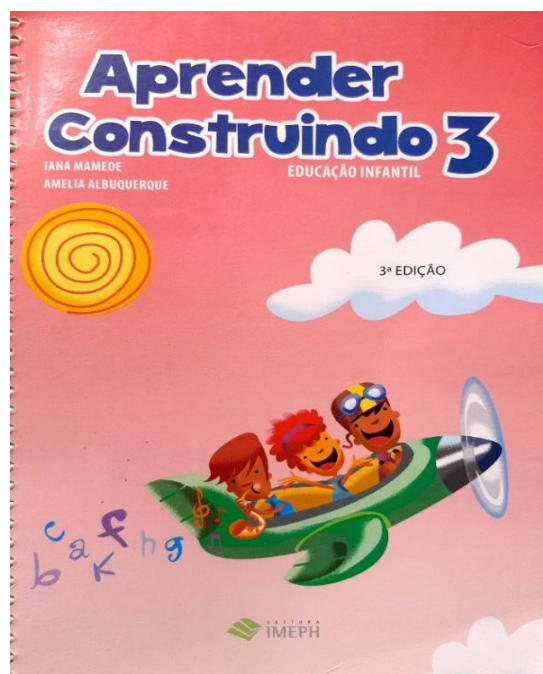
[..] a criança, quando entra para a escola, já tem muitos conhecimentos. Não podemos considerar, portanto, que não tenham conhecimentos sobre a língua escrita. Já viu seu nome escrito, já participou de atividades sociais em que a leitura ou a escrita são elementos importantes; enfim, certamente já fez algum tipo de reflexão sobre o significado que tem para ela a leitura ou a escrita (TEBEROSKY; CARDOSO, 1993. p. 24).

A escola tem a função de promover o desenvolvimento da linguagem oral e escrita na Educação Infantil, não se trata de alfabetizar crianças, mas sim, possibilitar que os alunos reconheçam os diferentes gêneros textuais, aprimorem sua narrativa, desenvolvam a imaginação e a criação de história, identifiquem as letras dos seus nomes e posteriormente escrevê-lo. E essas habilidades podem ser desenvolvidas com o lúdico, nas brincadeiras e jogos adaptando-os de acordo com os objetivos a serem alcançados. (MARUNY, 2000).

Tendo em vista a importância da linguagem oral e escrita para o desenvolvimento das crianças e para realização de tarefas do cotidiano, é necessário que o professor utilize ferramentas para apresentá-las aos alunos, e o livro didático pode ser este instrumento. Mesmo o RCNEI, DCNEI e BNCC não mencionando o livro didático para esta faixa etária é importante um estudo sobre esta ferramenta presente em muitas escolas da Educação Infantil.

A pesquisa de campo iniciou no segundo semestre de 2019, apesar do livro já ter sido trabalhado desde o início do ano, foi optado por analisar todas as atividades. O estudo foi realizado em uma turma do nível Pré II, composto por 14 alunos, idades entre 5 e 6 anos, como já mencionado. As crianças utilizavam dois livros didáticos, *Aprender Construindo 3* (Fig 7) e *Aprender Construindo: atividades de leitura e escrita infantil 5 anos*, ambos os livros são da editora IMEPH, no entanto, o trabalho consistiu em analisar somente o primeiro livro, pois este era o mais utilizado pelas crianças.

Figura 7: Capa do livro Aprender Construindo 3



Fonte: autoria própria

O material didático analisado apresenta atividades de matemática, geografia, história, ciências, arte, natureza e sociedade, movimento e música, porém, a análise concerne nas atividades de linguagem oral e escrita. A editora do livro, IMEPH atua no desenvolvimento de projetos, assessoria técnico-pedagógica, capacitação de pessoal, promoção de eventos, avaliação discente/docente e produção de livros e materiais didáticos para a área da

Educação. Desde 2001, realiza projetos de Formação voltados para: Educadores Infantis, Professores de Jovens e Adultos, Professores em Educação Inclusiva, Educadores do Ensino Fundamental I e II bem como Formação de Gestores e de alunos monitores. Dispõe de livros didáticos (2º ao 9º ano) e de Literatura infanto-juvenil que abordam sobre a temática afro-brasileira e indígena e com livros de literatura¹⁰.

O livro didático apresenta nove unidades: Eu e minha escola, Conhecendo lugares e pessoas, Meios de comunicação e transporte, Culinária: a arte de cozinhar, Pequeno Cientista, Cuidando da saúde, Diversidade animal, Natureza e Cuidando do meio ambiente. A tabela (Tabela 2) abaixo apresenta as principais atividades de linguagem oral e escrita e os gêneros textuais apresentados no material didático em cada unidade. Como observado abaixo, havia o predomínio das atividades de interpretação de texto ou imagem, logo em seguida aparecem as atividades de leitura espontânea, leitura com ajuda e canções.

Tabela 2: Principais atividades de linguagem e os gêneros textuais do livro didático

<i>Leitura</i>	Unidades								
	U 1	U 2	U 3	U 4	U 5	U 6	U 7	U 8	U 9
Leitura espontânea	0	0	1	0	1	3	0	0	0
Leitura com ajuda	2	1	2	0	1	1	0	2	0
Interpretação de texto ou imagens	8	5	5	3	3	7	5	3	4
Recontar histórias ouvidas	1	0	0	0	0	0	1	1	0
Escrita									
Atividade de localização de informação	1	0	0	0	0	0	2	2	0
Atividade de inferir informação	3	1	2	1	1	2	2	2	3
Atividade para sistematizar a escrita	1	1	1	2	2	1	3	2	3
Escrita com ajuda	2	0	3	5	5	2	1	1	4
Escrita espontânea	5	3	4	1	0	5	4	2	0
Gêneros textuais									
Advinha	0	0	0	1	1	0	1	0	0
Biografia	0	0	0	0	1	0	0	0	0
Canção	2	4	3	3	2	3	2	2	2
Cartão postal	0	1	0	0	0	0	0	0	0
Conto	2	0	0	0	0	2	0	0	0

¹⁰ Disponível em: <http://imeph.com.br/sobre-nos/> acesso em: 17/02/2020

Convite	0	0	0	0	0	1	0	0	0
Jornal	0	1	0	0	0	0	0	0	0
Parlenda	1	0	0	1	0	1	0	0	0
Poema	1	0	0	0	0	0	0	1	0
Poesia	3	2	0	0	0	0	1	0	2
Quadrinha	0	1	1	1	0	0	2	0	0
Receita	1	0	0	1	1	0	1	0	0

Fonte: autoria própria

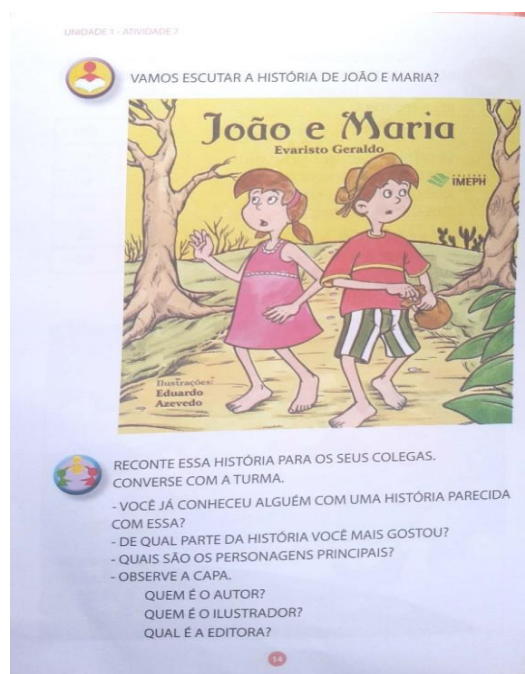
Dentre as observações das atividades propostas pelo livro didático, foram analisadas nesta pesquisa nove atividades, destas, quatro (Fig. 8 a Fig. 11) foram analisadas de acordo com as orientações da BNCC, DCNEI e RCNEI e as outras cinco atividades (Fig. 12 a fig. 16), além de serem analisadas conforme os documentos oficiais, foram acrescentadas as observações realizadas durante o trabalho de campo. Estas atividades foram escolhidas por observar que algumas podem desenvolver algumas competências prescritas para a Educação Infantil, outras por considerar incompatível para a idade das crianças e também por observar que em alguns exercícios, elas apresentaram dificuldades para sua realização.

As atividades das figuras 8 a 11, foram analisadas em ordem, apresentada no livro, as demais seguiram a ordem que a professora repassou para as crianças, vale ressaltar que ela não seguia a sequência do livro didático.

A atividade abaixo (*História de João e Maria*) recomenda que o professor apresente a história de João e Maria as crianças, a seguir é exposto algumas indagações, como: Você conhece alguém com uma história parecida com essa? De qual parte da história você mais gostou? Quais os personagens principais? Podendo promover a atenção dos alunos, ainda proporciona que interajam na sala de aula, utilizando os conhecimentos prévios dos alunos, ao indagar se os mesmos conhecem alguma história parecida com a narrada e identificarem quais os principais personagens. Outro aspecto importante que as autoras propõem é que desde pequenas as crianças observem a capa do livro, os autores, a editora e o ilustrador. Segundo a Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil (BNCC) é importante que as atividades desenvolvidas em sala proporcionem que as crianças interajam entre si, promova a participação, o diálogo e a escuta. (Brasil, 2017. 19) O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) destaca também a importância da leitura para os educandos.

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com a sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence. As instituições de educação infantil podem resgatar o repertório de histórias que as crianças ouvem em casa e nos ambientes que frequentam, uma vez que essas histórias se constituem em rica fonte de informação sobre as diversas formas culturais de lidar com as emoções e com as questões éticas, contribuindo na construção da subjetividade e da sensibilidade das crianças. (BRASIL, 1998, p. 143)

Figura 8: História de João e Maria



Fonte: Shutterstock imagens, 2014. p. 14

A segunda atividade analisada (*Leitura da parlenda: Por detrás daquele morro*) apresenta aos leitores a parlenda “Por detrás daquele morro”, da tradição popular. O exercício solicita que as crianças copiem palavras do texto que iniciem com as letras D, B, P e C, e logo abaixo que procurem no diagrama a palavra CABELO. Este exercício pode propiciar que as crianças exercitem a escrita ao retirarem do texto algumas palavras, promovendo a concentração para extrair da parlenda as palavras que iniciem com as letras solicitadas, e atenção, pois para encontrarem a palavra no diagrama, precisam observar cada letra da palavra para identificá-la no diagrama. Segundo a Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) é preciso oportunizar que os educandos tenham experiências com os diferentes suportes e gêneros textuais sejam orais ou escritos, para que tenham apreciação e interação coma linguagem oral e escrita (BRASIL, 2010, p. 25).

Figura 9: Leitura da parlenda: Por detrás daquele morro


UNIDADE 1 - ATIVIDADE 17

ACOMPANHE A LEITURA DA PARLENDA!

POR DETRÁS DAQUELE MORRO

POR DETRÁS DAQUELE MORRO
PASSA BOI, PASSA BOIADA,
TAMBÉM PASSA MORENINHA
DE CABELO CACHEADO.

DA TRADIÇÃO POPULAR



COPIE DA PARLENDA PALAVRAS QUE SE INICIEM COM:

D _____
B _____
P _____
C _____

PROCURE NO DIAGRAMA A PALAVRA EM DESTAQUE:

CABELO

R	E	V	N	H	J	I
D	C	A	B	E	L	O
C	R	G	P	O	R	F
X	G	H	V	D	E	I
J	H	G	T	U	K	X

Fonte: Shutterstock imagens, 2014. p. 24

Nesta atividade (*Conhecendo lugares e pessoas*) é requerido que os alunos observem uma imagem que há crianças de diferentes etnias, e a seguir questiona: Você acha que todas as crianças do mundo são iguais ou diferentes? Por quê? e o exercício solicita que as crianças organizem as letras para descobrirem quais os nomes as letras irão formar, e sugerem dois nomes para cada círculo. A atividade é interessante, pois pode promover a atenção dos estudantes, pois para que elas identifiquem os nomes, é necessário que observem as letras que há nos possíveis nomes ao lado, outro aspecto interessante é que além de ser uma atividade de escrita proporciona que os alunos reconheçam e respeitem a diversidade. Na próxima página as autoras expõem imagem de duas crianças e fazem algumas indagações como: qual a diferença entre elas? Como se vestem? Quais características físicas de cada uma? Instigando os alunos a reconhecerem a diversidade cultural e física, ainda propicia que eles aprendam a respeitar essas diferenças.

Segundo Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009, das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil é necessário que as crianças tenham conhecimento das contribuições histórico-culturais dos povos indígenas,

afrodescendentes, asiáticos, europeus e de outros países da América (BRASI,2010 p. 20 e 21). E assim haja a valorização, respeito com as histórias e as culturas africanas e afro-brasileiras. A atividade proposta abaixo permite que o professor repasse esses conhecimentos para seus alunos.

Figura 10:Conhecendo lugares e pessoas

UNIDADE 2 - ATIVIDADE 1
VAMOS CONHECER CRIANÇAS DE VÁRIOS LUGARES DO MUNDO.



VOCE ACHA QUE TODAS AS CRIANÇAS DO MUNDO SÃO IGUAIS OU DIFERENTES? POR QUÊ?

DESCUBRA OS NOMES DAS DUAS CRIANÇAS, OBSERVANDO AS LETRAS. CIRCULE-OS AO LADO.



N A E	REGINA
R A T	RENATA
R M	MARY
Y A	MARTA

Fonte: Shutterstock imagens, 2014. p. 34

Na atividade abaixo (*Leitura e atividade sobre a parlenda*) é apresentado uma parlenda popular, e posteriormente há dois exercícios, foram retiradas algumas palavras da parlenda, e as crianças devem observar quais palavras são iguais, e liga-las, é interessante para promover concentração, pois para realizar a tarefa é necessário observar as palavras que compõem as mesmas letras. E a seguir é apresentado um desafio bem complexo para a idade deles, é exposta uma tabela com o alfabeto e desenhos abaixo de cada letra, porém as imagens não são correspondentes a cada letra, por exemplo, abaixo da letra A, há a figura de um peixe; na letra G, um sol; letra K, a figura de uma balão, o que pode causar confusão nos alunos, pois eles associam imagem e texto, ainda em alguns desenhos não foi possível distinguir o que são, como por exemplo os que correspondem as letras D, N, Q e U . Abaixo do alfabeto há um quadro com algumas figuras retirados das letras acima, o desafio é este, as crianças devem observar as figuras e colocar a letra correspondente em cada quadrado para formar as palavras salada e pimenta.

Figura 11: Leitura e atividade sobre a parlenda

UNIDADE 4 - ATIVIDADE 21

OUÇA A LEITURA DA PARLEDA.

SALADA, SALADINHA
BEM TEMPERADINHA
COM SAL, PIMENTA
UM, DOIS, TRÊS.
DA TRADIÇÃO POPULAR



VAMOS BRINCAR COM ALGUMAS PALAVRAS, LIGANDO AS QUE SÃO IGUAIS.

SALADA	PIMENTA
BEM	SALADA
SAL	DOIS
PIMENTA	SAL
DOIS	BEM

DESAFIO. DESCUBRA OS NOMES ESCRITOS A PARTIR DOS ENIGMAS.

A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M
N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y	Z

Fonte: Shutterstock imagens, 2014. p. 106

Na atividade (*Alfabeto em Libras*) é apresentado a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e instiga que os alunos façam a datilologia dos seus nomes utilizando o alfabeto em libras. É essencial que essa língua seja apresentada para eles desde cedo, pois ainda pequenos eles absorvem as informações com mais facilidade. Para Mesquita (2019) a Língua de sinais é essencial no desenvolvimento cognitivo das crianças, melhorando as habilidades de atenção, a percepção visual e a memória espacial. E além de aprender sobre a cultura surda, é a possibilidade de se comunicar com as pessoas que pertencem a comunidade surda, valorizando a diversidade desde a Educação infantil. Mesquita aponta ainda, que a escola e o docente devem estar preparados para ensinar Libras para as crianças surdos, como primeira língua e como segunda língua para as crianças ouvintes, enfatiza que uma das maneiras de ensinar é criando jogos para que juntos possam aprender a Língua de sinais.

Na imagem o alfabeto vem acompanhado com alguns desenhos, facilitando assim a memorização. Quando esta atividade foi apresentada as crianças, foi possível observar que elas não conheciam a LIBRAS, juntamente com a professora foi feito a datilologia de cada letra com as crianças, ainda foi ensinado as crianças o termo corretor ao se dirigirem a uma pessoa surda. A

docente abordou ainda sobre a importância da língua de sinais e como as pessoas surdas a utilizam para se comunicar. Com a ajuda da professora as crianças sinalizaram seus nomes usando a datilologia como é solicitado na atividade, a professora neste dia foi a HP, foi possível observar que a mesma conhecia a libras, facilitando repassar o alfabeto em Libras para as crianças.

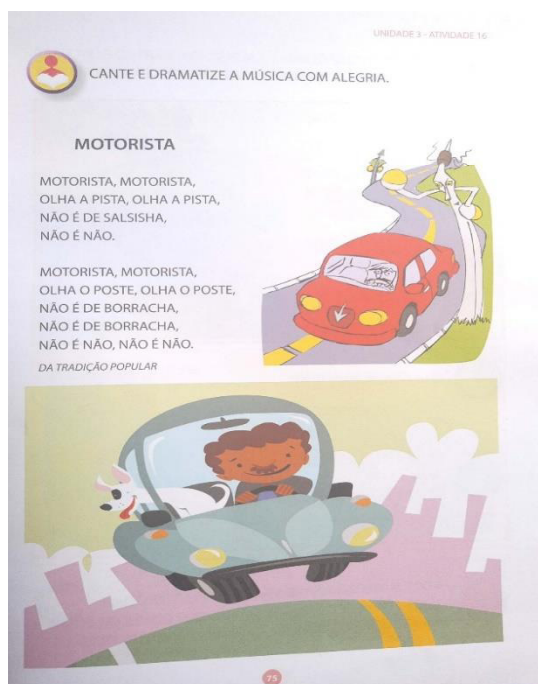
Figura 12: Alfabeto em Libras



Fonte: Shutterstock imagens, 2014. p. 70

Na atividade (*Canção do motorista*) é proposto que o regente(a) juntamente com a turma cantem e dramatizem a música “o motorista”. Segundo Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no campo de experiência “traços, sons, cores e formas” é recomendado que as crianças pequenas sejam estimuladas a utilizar sons produzidos por materiais diversos, nas brincadeiras de faz de conta, canções, encenações. (BRASIL, 2010, p. 50) E essa tarefa possibilita que isso ocorra, ainda instiga que se expressem livremente, ao cantar a música elas vão se utilizando das produções sonoras, a professora pode impulsionar que os alunos façam o som do carro e da buzina, por exemplo. Contudo, ao realizar esta a atividade a regente cantou a canção para as crianças, e posteriormente cantaram juntas, após solicitou que as crianças identificassem e pintassem o título do texto e posteriormente as crianças responderam aos exercícios propostos.

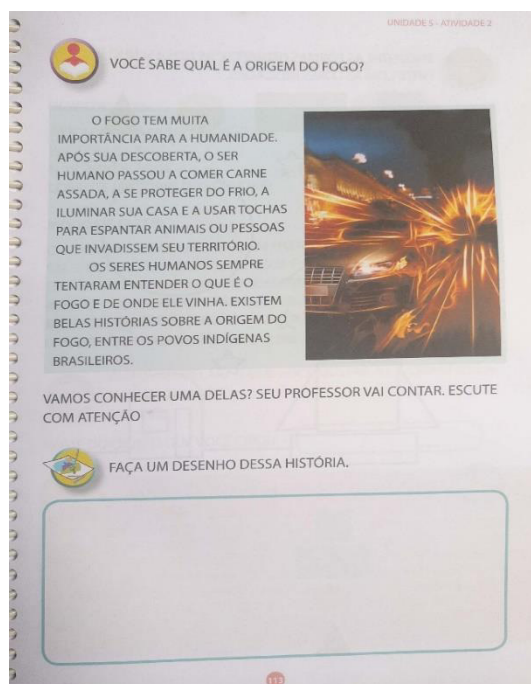
Figura 13:Canção o Motorista



Fonte: Shutterstock imagens, 2014. p. 75

Moraes (2010) destaca a importância de texto e imagens se relacionarem nos livros didáticos, a inserção das imagens deve ser condizente com os textos para promover uma interpretação relacionando texto e imagens, senão pode causar confusão na interpretação textual. Na atividade abaixo (*atividade sobre a origem do fogo*) há um texto que relata sobre a importância do fogo para a humanidade, e a seguir solicita que a professora narre uma história que relate sobre a origem do fogo. Ao lado do texto há uma imagem de um carro em alta velocidade em chamas, é solicitado que as crianças representem a história lida com um desenho. Ao realizarem a atividade as crianças ficaram confusas, pois ao desenharem, rabiscaram um carro, e a professora ressaltou que o carro não representava o texto. A professora realizou a leitura como solicitado, porém, a docente não relatou a história solicitando sobre a origem do fogo, o que pode ter causado a má interpretação do texto. Neste exercício, imagem e texto não se relacionam, por isso as crianças ficaram confusas ao representarem o texto. Sendo assim, percebe-se a importância de um cuidado criterioso ao inserir as ilustrações, possibilitando que ao observarem um texto com imagem as crianças consigam interpretar- lá e conseguinte entender o texto.

Figura 14:Atividade sobre a origem do fogo



Fonte: Shutterstock imagens, 2014. p. 111

A Base Nacional Comum Curricular menciona a concepção que associa o educar e cuidar, como algo indissociável do processo educativa na Educação Infantil. O cuidar envolve as práticas que envolvem os cuidados pessoais, como alimentar-se, vestir-se e higienizar-se, nas brincadeiras, nas experiências com os materiais dispostos pela escola (BRASIL, 2010). A atividade abaixo (*Canção ratinho tomando banho*) oportuniza isso, a professora utilizando a canção pode conscientizar as crianças a terem cuidado com seu corpo. O livro apresenta outras atividades ao docente para que continue trabalhando com os cuidados com a higiene ao realizar a leitura do texto *Bob Bafo*, ainda é colocando algumas indagações sobre o texto como: O que aconteceu com O Bob Bafo? Você escova os dentes todos os dias? Quantas vezes? Você acha importante esse hábito? O que acontece com quem não escova os dentes? Ao realizar esta atividade a professora enfatizou sobre alguns cuidados de higiene, como escovar os dentes, usar o fio dental, tomar banho para ir para a escola, lavar as mãos antes das refeições, ao sair do banheiro, além disso, abordou sobre a importância de ingerir alimentos saudáveis, nos lanches da escola principalmente, a professora ressaltou a importância de ingerir frutas, ao invés de biscoitos ou salgadinhos.


Figura 15: canção Ratinho tomando banho

UNIDADE 6 - ATIVIDADE 6

VAMOS CANTAR!
RATINHO TOMANDO BANHO.

TCHAU PREGUIÇA,
TCHAU SUJEIRA,
ADEUS CHEIRINHO DE SUOR,
OH...
LAVA, LAVA, LAVA,
LAVA, LAVA, LAVA
UMA ORELHA, UMA ORELHA,
OUTRA ORELHA, OUTRA ORELHA,
LAVA, LAVA, LAVA, LAVA,
LAVA A TESTA, A BOCHECHA,
LAVA O QUEIXO,
LAVA A COXA
E LAVA ATE...
MEU PÉ,
MEU QUERIDO PÉ,
QUE ME AGUENTA O DIA INTEIRO,
OH, OH,
E O MEU NARIZ,
MEU PESCOÇO,
MEU TÓRAX,
O MEU BUMBUM
E TAMBÉM O FAZEDOR DE XIXI
OH...
LÁ, LÁ,
LAIA, LAIA, LÁ,
LAIA, LÁ, LÁ, LA,
LÁ, LAIA,
LÁ, LÁ, LÁ, LÁ, LÁ,
HUM... AINDA NÃO ACABOU NÃO,
VEM CÁ VEM... VEM,
UMA ENXUGADINHA AQUI,
UMA COÇADINHA ALI,
FAZ A VOLTA E PÔE A ROUPA DE PAXÁ,
AHH!
BANHO É BOM,
BANHO É BOM,
BANHO É MUITO BOM,
AGORA ACABOU.

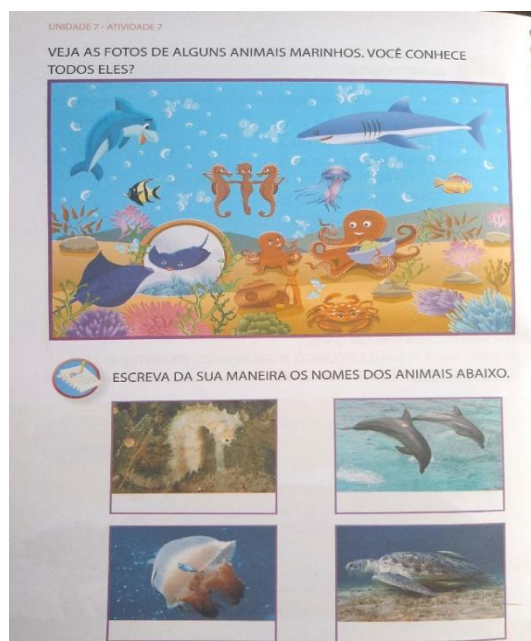
HÉLIO ZINSKIND



Fonte: Shutterstock imagens, 2014. p. 143

Segundo Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) é importante que as crianças sejam incentivadas a realizarem a escrita mesmo que não tenha apropriação da mesma ainda, mesmo que seja com rabiscos, é recomendado deixar elas a vontade para se desenvolverem aos poucos. E o uso de imagens pode facilitar esse processo, ainda mais se esses ícones forem familiares aos estudantes. Na tarefa (animais marinhos) é apresentado uma imagem de alguns animais marinhos, como o tubarão, golfinho, polvo, arraia, dentre outros, e questiona? Você conhece todos eles? A seguir solicita que crianças escrevam os respectivos nomes dos animais em um retângulo de acordo com as figuras, as imagens expostas são de um cavalo marinho, água-viva, golfinhos e uma tartaruga. Ao observar a realização desta atividade foi possível perceber que as crianças tiveram dificuldades para identificar os animais, pois alguns não fazem parte da nossa região, como a arraia, cavalo marinho e a água-viva. É indiscutível que seja apresentado diferentes tipos de animais para as crianças, no entanto na fase inicial da sua vida escola é mais relevante que as imagens expostas a elas sejam conhecidas. A professora escreveu os nomes dos animais na lousa e as crianças transcreveram para o livro.

Figura 16- Animais marinhos



Fonte: Shutterstock imagens ,2014. p. 170

As autoras Ianna e Amelia apresentam algumas atividades interessantes, que instigam os educandos a observarem um livro, capa, autores, ilustradores, personagens principais, exercícios que promovam o desenvolvimento da escrita de forma gradativa, como mostra a *tabela 2*. Há um incentivo para que as crianças realizem a escrita espontânea, desperta o interesse pela leitura, cuidado com a higiene, o respeito pelas diferenças, o reconhecimento da diversidade cultural e física, permite que o professor utilize o lúdico, principalmente nas canções. Além disso, o livro contém anexos com figuras para recortes, atividades que promovem o desenvolvimento da coordenação motora e estimula a criatividade, ainda dispõe de recortes de jogos, como o jogo da memória e quebra-cabeça, que segundo Elali (2002) auxilia no desenvolvimento neurológico, psicomotor, capacidade de concentração, noção, espacial e percepção visual. Ademais, em algumas atividades, há orientações para os pais, em como auxiliar seus filhos para a realização das tarefas.

No entanto, o material didático apresenta algumas tarefas complexas para o nível dos alunos, como o exposto na (Fig. 11) imagens não condizentes com o texto, dificultando relacioná-las ao texto, como a atividade da (Fig.14). O material didático apresenta alguns gêneros textuais, como mostra a tabela 1, porém, o gênero mais predominante são as canções e alguns textos são muitos

longos podendo cansá-los. O material didático expõe muitas imagens, porém em certas tarefas são imagens que não fazem parte da realidade dos estudantes do nosso município, as atividades são repetitivas, que consistem basicamente em reescrever palavras do texto.

No período de observação, foi possível constatar também que houve uma cobrança para a realização de todas as atividades do livro, como mencionado, as crianças utilizavam dois livros didáticos, o livro *Aprender Construindo 3* contém 240 páginas e o *livro de leitura e escrita* 164 páginas, se forem realizadas todas as atividades não restará tempo para o jogos e brincadeiras tão recomendados para a Educação Infantil. Percebendo os desafios presentes na realização das atividades do livro didático e a importância da mediação do docente em sala para proporcionar uma aprendizagem significativo, considero relevante nesta pesquisa, pontuar a concepção de leitura e escrita.

3.2 O processo de escrita na perspectiva psicogenética

Para Ferreiro (1996) a leitura e escrita podem ser apresentada as crianças bem antes de adentrarem no ambiente escolar, ao lhe apresentar livros infantis, mesmo que não sejam alfabetizadas ainda, realizar leitura em voz alta para crianças ainda quando bebês, essas atitudes simples podem trazer benefícios satisfatórios. Na escola, os professores precisam conscientizar os alunos sobre a importância do ato de ler e escrever, permitir que entendem que com a leitura podem obter informações desconhecidas, compreender as funções da língua escrita para seu uso social e demonstrar as diferentes funções da escrita e leitura. Para que as crianças se apropriem do ato ler e escrever primeiro passarão por hipóteses, gradativamente compreenderão a complexidade da língua escrita (FERREIRO E TEBEROSY 1999).

A teoria psicogênese da língua escrita descreve como o aluno desenvolve as habilidades de leitura e escrita, mostrando que a aquisição desses atos é semelhante ao que a humanidade percorreu para obter o sistema alfabético, o processo da fase pré-silábica até se alfabetizar. Ferreiro (1985) enfatiza que o processo de alfabetização não pode ser meramente a repetição de letras e sílabas, a alfabetização é um processo de construção e de representação da

linguagem, em que as crianças são protagonistas ativos de seu próprio conhecimento.

A teoria de Ferreiro (2007) compreende o processo de escrita em três níveis: pré-silábico, silábico-alfabético e alfabético. Neste sentido, foi aplicada uma atividade diagnóstica, com base em Campelo (2012), havia quatro palavras, 1ª palavra deveria ser polissílaba, 2ª trissílaba, 3ª dissílaba e a 4ª monossílaba.

A atividade foi realizada individualmente fora da sala de aula, foi solicitado que as crianças escrevessem seus nomes e foi perguntado se sabiam o que era cada figura e que escrevessem o nome de cada uma delas. Foi possível observar que algumas crianças não escreveram seu nome corretamente, algumas ficaram constrangidas e disseram que não sabiam, no entanto foi enfatizado que grafassem como imaginassem que fosse a escrita.

No diagnóstico realizado fizeram parte as imagens das palavras: furadeira, martelo, chave e pá, o objetivo foi verificar através da escrita espontânea em qual fase da Teoria da Psicogênese da escrita as crianças se encontravam. Na turma havia 14 crianças, destas, 8 eram meninos e 6 meninas, a idade delas estavam entre 5 e 6 anos. As crianças não sabiam ler, algumas apresentavam dificuldade em diferenciar letras de números, assim, como dificuldade em escrever seus nomes. No dia de aplicação do diagnóstico havia 13 crianças, foram selecionadas quatro crianças para apresentar os diagnósticos realizados, as crianças 1 e 2 encontram-se na escrita pré-silábica, representam aproximadamente 85% da turma, as crianças 3 e 4 apresentam uma escrita silábica- alfabética, representam 15% da turma.

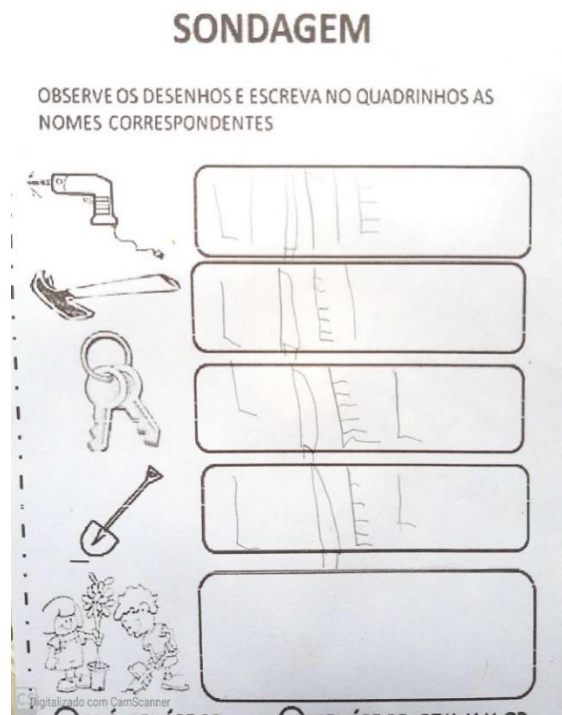
O nível pré-silábico é quando a criança começa a perceber a diferença entre desenho e escrita. Entendem que a maneira de escrever não será como o desenho de determinado objeto, a criança não faz relação fonema/ grafema. Portanto, neste nível as crianças são capazes de diferenciar as diferentes formas de escrita, no entanto não diferem os diversos significados.

Há um avanço, quando se percebe que a palavra escrita representa não a coisa diretamente, mas o nome da coisa. Ao aprender as letras que compõem o próprio nome, o aprendiz percebe que se escreve com letras que são diferentes de desenhos. Entretanto, ainda neste nível, mesmo após tomar consciência de que se escreve com letras, o aprendiz tenderá a grafar um número de letras, indiscriminado, sem antecipar quantos e quais caracteres precisará usar para registrar palavras. Por exemplo, quando o professor pedir que escreva *gato*, poderá escrever *RARDICO*, normalmente limitando-se a usar apenas um pequeno inventário de letras, como as de seu nome (RICARDO,

por ex.), sem correspondência sonora alguma (MENDONÇA e MENDONÇA, 2011, p. 39).

Criança nº 1

Figura 17: Atividade diagnóstica 1

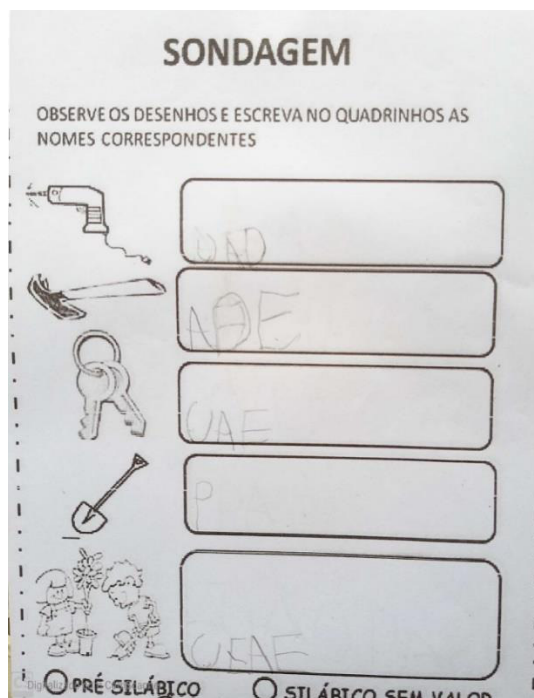


Fonte: autoria própria

A professora informou que está criança faltava muito e não conseguia conversar com os pais sobre a ausência da criança. Foi possível observar que além desses fatores, apresentou ser uma criança inquieta e agressiva e não fazia as atividades solicitadas. A criança apresentou dificuldade para escrever seu nome sem ficha, como pode-se observar, ela repete as mesmas letras em todas as palavras, letras L, I, D, L e a letra E, independentemente da quantidade de sílabas, grafas as letras de maneira aleatória, algumas letras do seu nome, estando no nível pré-silábico, escreve diferentes posições, porém sem relação com o som da palavra.

Criança nº 2

Figura 18: Atividade diagnostica 2



Fonte: autoria própria

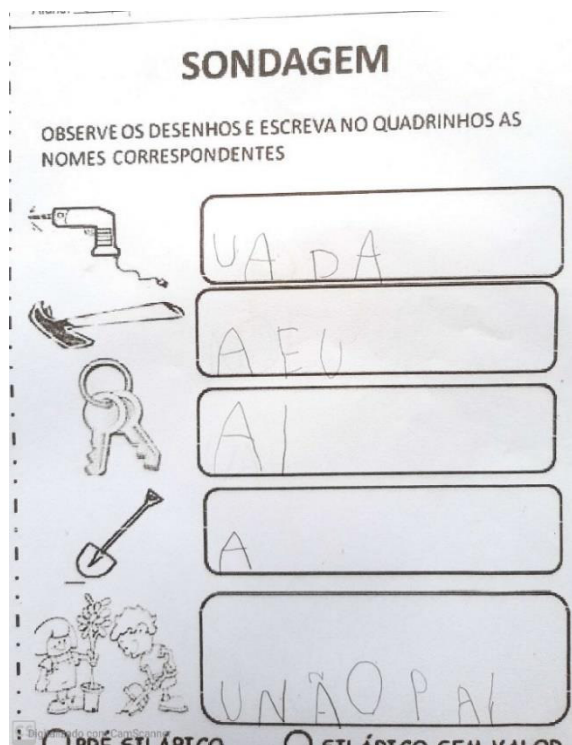
Foi possível observar que esta criança (nº2) também faltava constantemente e conversava muito nas aulas, contudo era muito participativa e realizava todas as atividades solicitadas pela professora. A criança escreveu uma letra para sílaba, com exceção da palavra furadeira, que grafou três letras, como pode observar ela também se encontra-se no nível pré-silábico. Ora, grafou uma letra para cada sílaba com valor sonoro, como na palavra Pá, que escreveu P, ora sem valor sonoro como na palavra Furadeira, grafou as letras UAD.

No silábico- alfabético, a criança começa a diferenciar sua escrita de palavra para palavra, nesta fase elas diferenciam as letras em cada escrita, há uma escrita diferente para cada palavra, começam a entender que cada palavra terá seus caracteres diferentes de outras, pois são objetos diferentes. Quando a criança percebe a quantidade de vezes que abrimos a boca para pronunciar certa palavra, é que ela pressupõe a quantidade de letras que poderá ter nesta determinada palavra para escrevê-la. Então, o aluno irá escrever uma letra para cada sílaba, pois a escrita pode não representar o som da palavra. O processo do nível pré-silábico para o silábico- alfabético pode ser feito com atividades que

promovam a comparação da palavra escrita com a palavra falada, o aluno pensa que apenas uma letra representa a pronúncia de uma sílaba (FERREIRO, 1985).

Criança nº 3

Figura 19: Atividade diagnóstica 3



Fonte: autoria própria

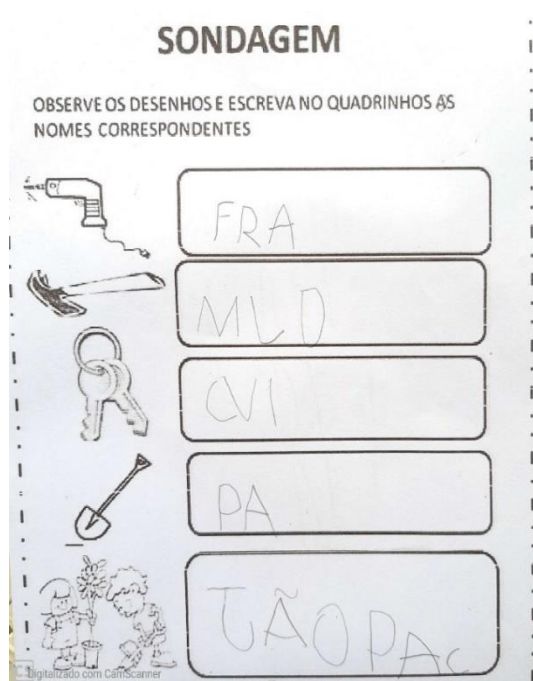
Esta criança (nº 2) também segundo relatos da professora apresentava ser indisciplinada, por várias vezes reclamou a avó da criança sobre atitudes de mau comportamento da criança. Foi observado que criança apresentava ser agressiva, inquieta, no entanto, é atenciosa quando a professora explicava algo, respondia todas as atividades em sala e tarefas para a casa. A mesma grafou corretamente seu nome, no que diz respeito a escrita das palavras, foi observado que está em transição do pré-silábico para silábico- alfabético, ela grafou uma letra para cada sílaba falada com valor sonoro.

No nível alfabético, as crianças passam a estabelecer uma relação entre grafema e fonema, no primeiro nível elas escrevem uma letra para cada sílaba, entretanto essas letras não significam o som das sílabas, são apenas representações da escrita. A partir de então, irão observar que podem encontrar letras que coincidem com o som das palavras. Assim, podem escrever uma letra

para representar cada fonema, podendo ser qualquer letra, as vezes sem nenhum valor sonoro. Posterior, a criança alfabética, irá escrever uma letra ou mais para representar cada sílaba, porém nesta fase a letra terá uma relação com o som. Com este entendimento, a criança irá para o nível alfabético, irá escrever como está previsto no sistema alfabético, contudo nem sempre seguirão as regras ortográficas, na turma não havia nenhuma criança que estivesse neste nível, como dito anteriormente, as demais crianças eram pré-sílabas.

Criança nº 4

Figura 20: Atividade diagnostica 4



Fonte: autoria própria

Esta criança(nº 4) era uma das crianças mais assídua da turma, atenciosa, participativa e apresentava ser disciplinada nas suas tarefas tanto em sala de aula, como nas tarefas para casa, durante o período de observação foi possível perceber que em algumas atividades a criança respondia antes de ser explicado como era para ser realizada. A criança encontra-se em transição do nível silábico para o alfabético, representou as palavras com o som convencional, escreve uma ou mais sílabas com relação sonora, por exemplo escreveu a palavra PÁ corretamente, não acrescentando o acento, o que é

normal para sua faixa etária, ao escrever a palavra furadeira, grafou F, R, A, estabelecendo relação com o som das palavras como mostra a figura acima.

Ferreiro (1995, p. 83) destaca que o nível alfabético não é o último, significa que muitos pressupostos foram respondidos, “entendendo por este o momento em que [as crianças] começam a compreender que há uma relação bastante precisa, mas não muito clara para elas ainda, entre a pauta sonora da palavra e o que se escreve [...]”

Quanto as crianças que apresentam dificuldades tanto em acompanhar as atividades, como em grafar seus nomes corretamente, foi possível observar que não havia uma preocupação em dar uma atenção especial a estes alunos. Durante as observações a professora solicitou que algumas das crianças que não sabiam escrever seus nomes fossem até o quadro e os escrevessem, sem constrangimento, a professora não os corrigiu quanto a isso no momento, no entanto foi possível perceber que ela realizou algumas atividades para incentivar as crianças a escrever seus respectivos nomes, como mostra a Fig.4.

A professora regente também realizou uma atividade diagnóstica com as crianças também, solicitou que as crianças escrevessem as palavras ditadas, as palavras foram: sapo, vovô, piu, pé e boca, retiradas de textos estudados anteriormente. Após isso, a professora olhou o caderno de cada criança e constatou que elas estavam no nível pré-silábico, porém não tomou nenhuma iniciativa quanto aquelas crianças que apresentavam mais dificuldades na escrita.

Das trezes crianças que fizeram a atividade diagnóstica, quatro não sabiam grafar seus nomes corretamente sem a ficha. As demais crianças também estão no nível pré-silábico, algumas escreveram uma letra para cada sílaba e outros escreveram letras aleatoriamente. Além do nível de escrita das crianças, foi possível perceber que os alunos mais participativos e assíduos são aqueles que os pais eram participativos na vida escolar do seu filho.

Epstein(1992) elenca estratégias que podem aproximar a família da escola, que inclui : um acompanhamento da escola com as famílias, auxiliando as famílias a terem condições de ajudar as crianças no seu processo de aprendizado; a escola deve comunicar as famílias sobre a aprendizagem e desenvolvimento dos alunos; a família pode ajudar a escola, envolvendo os pais ou responsáveis das crianças em atividades voluntárias, como organizar uma

festa, auxiliar na pintura, projetos e etc. A escola precisa orientar a família como auxiliar as crianças com as atividades em casa, para que sejam realizadas e haja um acompanhamento dos pais nesse aspecto; promover a participação das famílias em decisões relacionadas com a aprendizagem das crianças e por fim, uma aproximação entre a escola e comunidade, para que haja uma troca de responsabilidades e recursos com as instituições públicas que trabalham com crianças e jovens (EPSTEIN, 1992 apud CARVALHO, 2000).

No entanto, durante o período de observações, a escola não apresentou nenhuma iniciativa para a aproximar a escola da família, em conversas informais com alguns pais, foi informado que nas reuniões escolares é abordado somente sobre o fardamento, mau comportamento e materiais necessários para realizar atividades com as crianças. Além disso, realiza algumas festividades, como na páscoa, festa junina, a semana da criança, dia das mães e dos pais, nas quais os pais são convidados a participar, porém não havia um projeto específico para aproximar família e escola.

Portanto, é necessário que escola e família trabalhem juntas, objetivando a aprendizagem das crianças, uma aproximação entre ambas é indispensável para que as crianças evoluam na leitura e escrita. A escola pode incentivar os pais ou responsáveis a participarem ativamente na vida escolar das crianças, estimulando-os a apresentarem a leitura e escrita em casa para as elas, mesmo que sejam não alfabetizados, expondo que o ato de ler e escrever está presente em atividades que eles realizam diariamente, como pagar uma conta, enviar uma mensagem, elaborar uma lista de compras, procurar uma endereço e etc, para que as crianças percebam que a leitura e escrita não se restringem ao ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro didático sofreu várias alterações no que diz respeito a seu aspecto físico, bem como sua função. Vários programas foram criados ou aperfeiçoados para designar um programa responsável para avaliar o material. Atualmente, o livro didático ocupa um espaço central nas salas de aulas, em muitos casos, é o único instrumento utilizado pelo professor, sendo considerado por muitos como um instrumento que facilita o processo pedagógico. Tendo em vista, que se

utilizado da maneira correta, pode contribuir significativamente para o processo de ensino e aprendizagem. No entanto, sabe-se que ele não pode ser o único instrumento mediado para o ensino, é indiscutível que o docente procure metodologias diferentes para abordar os conteúdos propostos para esta etapa essencial na vida escolar dos estudantes.

Na Educação Infantil, apesar dos documentos não fazerem menção ao livro didático, observa-se a presença deste instrumento em várias escolas. Por isso, é importante uma análise criteriosa para a escolha do livro didático, principalmente para a Educação Infantil que ainda não faz parte do Programa de distribuição de livros didáticos do Governo Federal (PNLD). mormente na Educação Infantil que é a primeira etapa da educação básica.

Neste contexto, pode-se dizer que o livro didático é uma ferramenta que pode proporcionar às crianças exercitarem a escrita e a leitura desde cedo ao possibilitar o contato com os diferentes emissores de textos, permitindo a elas apropriarem gradativamente das competências de leitura e escrita. Considerando que a linguagem oral e escrita é essencial desde a Educação Infantil, é indispensável que sejam disponibilizados os diversos tipos de textos, deixar as crianças livres para escolherem e realizem a leitura de sua maneira, bem como a escrita espontânea. Uma das maneiras de apresentar a linguagem aos alunos é por meio do livro didático, mas cabe ao professor saber utilizar essa ferramenta com eficiência no ambiente escolar. Por isso

é preciso reconhecer que o acesso inicial à língua escrita não se reduz ao aprender a ler e escrever no sentido de aprender a grafar palavras e decodificar palavras- não se reduz à alfabetização no sentido que é atribuído a essa palavra. É parte integrante e principal do acesso ao mundo da escrita, mesmo do acesso inicial a esse mundo, o aprender a fazer uso da leitura e da escrita: compreende o que é lido e escrever de forma que os outros compreendam o que se escreve; compreender diferentes gêneros e diferentes portadores de textos e fazer uso deles para ler e para escrever; participar adequadamente dos eventos de várias naturezas de que fazem parte a leitura ou a escrita; construir familiaridade com o mundo da escrita e adquirir competências básicas de uso da leitura e da escrita; desenvolver atitudes em relação à importância e ao valor da escrita na vida social e individual (SOARES, 2009, p. 03).

Este instrumento é fundamental, mesmo na Educação Infantil, pois é uma ferramenta que dar suporte ao professor, e pode trazer benefícios satisfatórios se utilizado da maneira correta, não sendo somente para reproduz atividades.

Com o estudo, foi observado que o livro didático é um material que pode preparar as crianças para exercitarem sua leitura e escrita no cotidiano, sobretudo quando lhes é apresentado gêneros textuais que comumente usamos, faz com que as crianças percebam que a linguagem oral e escrita, não se restringem somente ao ambiente escolar, mas é essencial para desenvolvermos atividades essenciais para a sociedade. No entanto, o material disponibilizado para as crianças do nível Pré II, precisa de uma atenção, como mencionado na análise, há algumas atividades incompatíveis para idade deles, imagens descontextualizadas, além de apresentar poucos gêneros textuais.

Na pesquisa de campo, foi observado que as professoras ao utilizarem do livro, reproduzem apenas o que lhes é solicitado, com algumas exceções, em alguns textos que apresentavam canções, as crianças eram direcionadas para a sala de informática, para assistir um vídeo que apresentava a canção, as demais atividades consistiam em responder as questões solicitadas e colorir o título dos textos.

A Educação Infantil é uma etapa primordial e requer uma atenção especial aos materiais que serão adotados, é importante que sejam analisados com cautela, priorizando sempre o aprendizado por meio do lúdico, é essencial que os profissionais que irão utiliza-lo participem da escolha, pois são eles que estão todos os dias com as crianças e observam suas dificuldades. Segundo as professoras da escola pesquisada, elas não tiveram opção de escolha, o livro analisado foi o único disponibilizado para o Município de Codó.

As professoras mencionaram que não participaram da escolha do livro didático para o município, contudo, reconhecem a função do material didático, na concepção delas o livro está de acordo com as recomendações da BNCC. No entanto, a frequência com que se utiliza o livro é muito recorrente, diariamente ou três vezes na semana, como mencionado no capítulo 2. A coordenadora da Educação Infantil mencionou que os livros didáticos foram comprados da editora IMEPH pela atual gestão, no entanto, é necessário que a secretaria de educação convide os professores da rede para participarem do processo de escolha dos livros, bem como avaliá-los. Dada a importância desse instrumento tão presente em muitas creches e pré-escolas, é imprescindível discussões sobre este material, para que sua função seja exercida, principalmente na Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, O. G. Professores, Reformas Curriculares e Livros Didáticos de Ciências: parâmetros para a produção e avaliação do Livro didático. In: XI ENCONTRO DE PESQUISA EM ENSINO DE FÍSICA. 2006, Paraná. **Anais**. Universidade de Minas Gerais.
- ALBUQUERQUE, A. MAMEDE. I. **Aprender Construindo 3**: Educação Infantil. 3ed. Fortaleza. Editora IMEPH, 2014.
- BAIRRO, C. C. **Livro didático: um olhar nas entrelinhas da sua história**. 2009. Disponível: <https://wp.ufpel.edu.br/leh/files/2017/12/BAIRRO.pdf> acesso em: 24/03/2020
- BAPTISTA, M. C. A linguagem escrita e o direito a educação na primeira infância. In: I Seminário Nacional: Currículo e movimento. **Perspectiva atuais**. Belo Horizonte, nov. de 2010.
- BATISTA, A. A. G. O conceito de “livros didáticos”. In: BATISTA, A.A.G. & GALVÃO, A.M.O. (orgs.). **Livros escolares e de leitura no Brasil**: elementos para uma história. Campinas: Mercado de Letras, 1999. p.41-76.
- BITTENCOURT, C. M. F. Em foco: história, produção e memória do livro didático. **Revista Educação e Pesquisa**. v. 30, nº 3. São Paulo: EDUSP. Set/dez. 2004.
- BRANDÃO, J. D. P. O papel e a importância do livro Didático no processo de ensino aprendizagem. In: III CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2014. Paraíba. **Anais Eletrônicos**. Paraíba: UEPB- Universidade Estadual da Paraíba. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/Modalidade_1datahora_10_08_2014_01_17_25_idinscrito_4756_dbc438e8b3ae00a51f0270b96764913b.pdf acesso em: 25/03/2020.
- BRANDÃO, A. C. P; DE SOUSA R. E. C.. Ler e escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas. **Autêntica**, 2017.
- BRANDÃO, A. C. P. A; DA SILVA, A. O ensino da leitura e escrita e o livro didático na Educação Infantil. **Educação**, v. 40, n. 3, p. 440-449, 2017.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a base. Brasília. MEC/CONSED/UNDIME. 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_verseofinal_sitepdf Acesso em: 27 de agosto de 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília; MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília; MEC, 2010.

BOITO, C. BARBOSA, M. C. S ; GOBBATO, C. Livro didático na Educação Infantil: de que docência estamos falando. XI ANPED SUL. REUNIÃO CIENTÍFICA REGIONAL DA ANPED. **Anais**. Curitiba: PR, 2016.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo. Editora Scipione. 10^a edição. 2007. p. 15 – 42

CAMPELO, M. E. C. H. A Apropriação Da Escrita Pelas Crianças Dos Anos Iniciais Do Ensino Fundamental: A Psicogênese Da Língua Escrita De Emilia Ferreiro. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO; UFRN. **Continuum – Programa De Formação Continuada Do Professor Para A Educação Básica. Curso De Aperfeiçoamento Infância E Ensino Fundamental De Nove Anos. Módulo III - Linguagem, Alfabetização E Letramento**. Natal: Ufrn/Continuum, 2012

CARVALHO, F. de. **Primeiro livro de leitura**. Rio de Janeiro: livraria Francisco Alves. 59^a ed. 1982.

CARVALHO, L. et al. A parceria entre a escola, a família e a comunidade: Estratégias de envolvimento parental. **Lisboa: Departamento de Avaliação Prospectiva e Planeamento do Ministério da Educação**, 2000. p. 8

CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo, et al. **O mercado do livro didático no Brasil: da criação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) à entrada do capital internacional espanhol**. 2004. disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/10614> acesso em: 21/01/2020

CHOPPIN. A. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**, São Paulo. V. 30, n 3. p. 552-554. 2004.

CRUVINEL, F. R.; LIMA, B.; ALVES, G. Como desenvolver a linguagem oral e escrita na educação infantil. **Revista Científica Eletrônica de Pedagogia**, 2013.

ELALI, G. A. **Ambientes para educação infantil: um quebra-cabeça**. Contribuição metodológica na avaliação pós-ocupação de edificações e na elaboração de diretrizes para projetos arquitetônicos na área.2002. 334f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). FAU-USP, São Paulo, 2002.

FERREIRO, E. **A representação da linguagem e o processo de alfabetização**. Cadernos de Pesquisa, FNDE - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Ministério da Educação. 1985 Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/acesibilidade-sp-940674614/53-quem-e-quem-1534541290/sesu-educacao-superior-1708920893/12443-fundo-nacional-de-desenvolvimento-da-educacao-fnde> Acesso em: 10/01/2020

_____. **Com todas as letras**; tradução de Maria Zilda da Cunha Lopes. 14 ed. Cortez. São Paulo, 2007.

_____. Desenvolvimento da Alfabetização: psicogênese. In: GOODMAN, Yetta M. (Org.). **Como as Crianças Constroem a Leitura e a Escrita: perspectivas piagetianas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p.22-35.

_____. **Alfabetização em Processo**. São Paulo: Cortez, 1996.
FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Trad. Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Márcio Corso. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FREITAG, B; COSTA, W. F. e MOTTA, R. **O livro didático em questão**. São Paulo: Cortez, 1997.

FREITAS, N. K. RODRIGUES, M. H. **O livro didático ao longo do tempo: a forma do conteúdo**. Da Pesquisa, 2008.

GATTI JUNIOR, D. **A escrita escolar da história: livro didático e ensino no Brasil**. Bauru, SP: Edusc. 2004.

_____. **Livro didático e ensino de história: dos anos sessenta aos nossos dias**. 1998. PhD diss. Tese (Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1998.

HÖFLING, E. M. Notas para discussão quanto à implementação de programas de governo: em foco o Programa Nacional do Livro Didático. **Educação e sociedade**, vol.21, no.70, 2000.

KRAMER, S.; NUNES, M. F. R.; CORSINO, P. Infância e crianças de 6 anos: desafios das transições na educação infantil e no ensino fundamental. **Educação e Pesquisa**, v. 37, n. 1, p. 69-85, 2011.

LIMA, P. O. **Livro didático na educação infantil: o que dizem as crianças sobre o alfa e beto?** Universidade Tiradentes. 2016. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/view/2500> Acesso em: 29 de out de 2019.

LIMA, Adriana de Araújo. ARAÚJO, Michele Deodato. As práticas de leitura e escrita na Educação Infantil. **Revista Educação e transformação**, Garanhuns. V. 02, n. 1. Nov. 2016/abr. 2017.

MARUNY, Curto Lluís. **Escrever e ler: como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e ler**; trad. Ernani Rosa. Porto Alegre. V. 1. Artmed, 2000.

MENDONÇA, Onaide Schwartz; MENDONÇA, Olympio Correa. Psicogênese da língua escrita: contribuições, equívocos e consequências para a alfabetização. **Caderno de formação: formação de professores**, v. 2, n. 1, p. 36-57, 2011.

MESQUITA, W. A importância do ensino da Libras na Educação Infantil. 2019. Disponível em: <http://blog.handtalk.me/libras-educacao-infantil/> acesso em: 06/04/2020.

MICHEL, F. V. A origem do Livro didático. 2015. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/a-origem-livro-didatico.htm> acesso em: 10/08/2020.

MORAES, D. D. C. D. de. **Visualidade do livro didático no Brasil: o design de capas e sua renovação nas décadas de 1970 e 1980.** 2010. 182 f. Dissertação (Mestrado- Programa de Pós- Graduação área de Concentração Linguagem e Educação). Universidade de São Paulo, 2010.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa.** São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

MORTIMER, E. F. A evolução dos livros didáticos de química destinados ao ensino secundário. **Em Aberto**, v. 7, n. 40, p. 25-41, 1988.

OLIVEIRA, C. R. G. A.; SOUZA, R. F. de. **As faces do livro de leitura.** Cadernos Cedes, v. 20, n. 52, 2000.

OLIVEIRA, J. B. A. et al. **A política do livro didático.** Editora. UNICAMP, 1984.

OLIVEIRA, M. de S. L.; BERNARDES, M. J.; RODRIGUEZ, M. A. M. A música na creche. In: ROSSETI-FERREIRA, M. C. et all (Orgs.). Os fazeres na educação infantil. São Paulo: Cortez, 1998. p. 103-104.

RAMIL, C. A. Os livros didáticos e a linguagem visual gráfica: um estudo de caso dos anos 1970. IN: X ANPED SUL. Florianópolis, outubro de 2014. **Anais.** Florianópolis: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

RANGEL, Egon de Oliveira. Avaliar para melhor usar: avaliação e seleção de materiais didáticos e livros didáticos. In: BRASIL. Ministério da Educação. Materiais didáticos: escolha e uso. Boletim 14, Agosto de 2005. Brasília, 2005.

RODRIGUES, C. C. GAMA, A. S. Práticas de linguagem na educação Infantil. **Revista de Humanidades, Tecnologia e Cultura**, volume 04 – número 01 – dezembro/2014. Mato Grosso do Sul.

ROMANATTO, M. C. O livro didático: alcances e limites. IN: Encontro paulista de matemática. 2004, São Paulo. **Anais Eletrônicos.** São Paulo. Disponível em: http://www.sbempaulista.org.br/epem/anais/mesas_redondas/mr19Mauro.doc. Acesso em: 25/03/2020

ROMANOWSKI, J. P.; MARTINS, P. L. A didática na formação pedagógica de professores. **Educação.** Porto Alegre: PUCRS, v. 33, n. 3, p. 205-212, set/dez. 2010.

SANTOS, F. F. O professor e Livro Didático: Implicações Metodológicas na Prática de Ensino em Geografia. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E FÓRUM PERMANENTE DE INOVAÇÃO EDUCACIONAL, 2016. Paraíba. **Anais.** Paraíba. v. 9, n. 1.

SIMÕES, P. M. U. Avaliação do Programa Nacional do Livro Didático por gestores de escolas do Recife. 2012 Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/leh/files/2017/12/SIM%C3%95ES-Patr%C3%ADcia-Maria-Uchoa.-Avalia%C3%A7%C3%A3o.pdf> acesso em: 06/08/2020

SARZEDAS, L. P. de M. **Criança Negra e Educação: um estudo etnográfico na escola**. 2007. 167f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2007.

SCHEFFER, A. M. M. et al. **Cartilhas: das cartas ao livro de alfabetização**. Campinas, 2007. Disponível em: <www.alb.com.br/anais16/sem10pdf/sm10ss20_40.pdf>. Acesso em: 24/03/2020

SILVA, M.A. A Fetichização do livro didático no Brasil. **Educação e realidade**. Vol. 37, nº 3. Porto Alegre, set/dez, 2012.

SOARES, M. Oralidade, alfabetização e letramento. Revista Pátio Educação Infantil- ano VII, nº 20. Jul/out. 2009. Disponível em: <http://alfabetizacaoeletramneto.blogspot.com/2009/11/entrevista-magda-soares.html> acesso em: 28/05/2020.

STRAY C. Quia nominor leo: vers une sociologie historique du manuel. **Histoire de l'éducation**. May 1:71-102. 1993.

TAGLIANI, D. C. **O Processo de escolha do Livro Didático de Língua Portuguesa**. Ling (Dis)curso, Palhoça, SC, v. 9, n. 2, p. 303-320, maio/ago. 2009. Disponível em : <https://www.scielo.br/pdf/ld/v9n2/05.pdf> Acesso em: 11 de maio de 2020.

TEBEROSKY, A. CARDOSO, B. **Reflexões sobre o ensino da leitura e da escrita**. Unicamp Vozes, 1993.

TEBEROSKY, A. **Psicopedagogia da linguagem escrita**; tradução Beatriz Cardoso; 5º ed. Editora da Universidade Estadual de Campinas. Petrópolis, RJ. Vozes, 1993.

TEIXEIRA, Andreia Rosetti Chisté. **Leitura e Escrita na Educação Infantil e seus desdobramentos: o mundo da Linguagem Oral e escrita**. 2016. Disponível em: <https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-escolar/leitura-e-escrita-na-educacao-infantil-e-seus-desdobramentos-o-mundo-da-linguagem-oral-e-escrita> acesso em: 11 de fevereiro de 2020.

VASCONCELLOS, T. de. Reflexões sobre infância e cultura. Niterói: **EdUFF**, 2008.

ZAMBON, L. B; TERRAZZAN, E. A. Políticas de material didático no Brasil: organização dos processos de escolha de livros didáticos em escolas públicas de educação básica. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v.94, Brasília. 2013

APÊNDICES

APÊNDICE I- Questionário aplicado com as professoras

PESQUISA: A LINGUAGEM ORAL E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ORIENTADORA: CRISTIANE DIAS MARTINS DA COSTA

ORIENTANDA: NAYANE DA CRUZ QUEIROZ RAMOS

CURSO: PEDAGOGIA – UFMA/Campus Codó

QUESTIONÁRIO

IDENTIFICAÇÃO DO DOCENTE

Nome: _____

Formação acadêmica _____ Tempo docência: _____

Turma/ano de atuação: _____ Turno: _____

Quantidade de alunos: _____ Tempo de profissão: _____

Livro didático utilizado: _____

Alunos com necessidades educativas especiais
(quais?): _____

- 1) Você sabe me informar como aconteceu a escolha do livro didático para a Educação Infantil em Codó? () Sim () Não. Explique a resposta.

- 2) Você ficou sabendo ou participou da escolha do livro didático. () Sim
() Não
Caso tenha participado, explique como foi o processo.

- 3) Em sua opinião, o livro didático utilizado apresenta atividades adequadas às crianças da sua turma? () Sim () Não. Explique a resposta.

- 4) Você utiliza mais o livro didática ou folhas avulsas para trabalhar com seus alunos. Explique a resposta.

5) Como você utiliza o livro didático em sala de aula?

6) Qual a frequência semanal da utilização do livro didático?

7) Na sua opinião, quais são os pontos positivos e negativos de se utilizar livros didáticos na Educação Infantil?

8) Você já participou de alguma capacitação para trabalhar com os livros didáticos?

() Sim () Não. Se sim, quem patrocinou a formação?

9) Você considera que a capacitação foi relevante? Poderia dizer como foi a formação?

10) Você saberia informar qual a concepção de leitura e escrita defendida pelo livro didático utilizado?

APÊNDICE II- roteiro da entrevista com a coordenadora da
Educação Infantil

IDENTIFICAÇÃO SEMECTI

Nome: -

Formação acadêmica: _____ Tempo gestão: _____

- 1) Você saberia me informar qual o caminho percorrido para se ter hoje livros didáticos na Educação Infantil do município de Codó?

- 2) Quais foram os critérios para a escolha do livro didático utilizado nas escolas de Codó?

- 3) Quais os profissionais responsáveis pela escolha do livro didático

- 4) Em qual ano se adotou o livro didático e qual a periodicidade da escolha do livro?

- 5) A editora oferece alguma capacitação para os professores? Quais?

- 6) Na sua opinião, quais são os pontos positivos e negativos de se ter adotado livros didáticos para a Educação Infantil de Codó?

- 7) Você saberia me dizer, qual a concepção de leitura e escrita defendida pelo livro didático adotado?

ANEXO

ANEXO I- Parecer sobre a análise do livro didático

PARECER TÉCNICO

OBRA ANALISADA: APRENDER CONSTRUINDO- EDITORA IMPEPH

A análise pedagógica aqui proposta tem como base o entendimento da criança como um sujeito social e histórico que produz e é influenciado pela sua cultura; como um ser humano completo, ativo e capaz de se desenvolver por meio das interações que estabelece no seu meio físico e social, num processo que, embora siga processos semelhantes em todas as crianças, obedece a ritmos individuais peculiares a cada uma delas.

Nesse sentido, é importante ressaltar que uma Educação Infantil de qualidade de enriquecer e ampliar as experiências e os conhecimentos de todas as crianças, o que, provavelmente, contribuirá para o sucesso escolar delas. Foi partindo dessa compreensão que direcionamos nosso olhar na análise do livro didático *Aprender Construindo Educação Infantil*.

Certamente, dentre os materiais didáticos mais recorrentes destaca-se, com certeza, o livro didático que, segundo o guia de avaliação do PNLD, “passou a ser considerado o principal referencial do trabalho em sala de aula”. No caso da Educação Infantil isso se revela ainda mais forte, considerando a ansiedade dos professores por um material que subsidie o trabalho que realizam.

Na análise do presente material, um primeiro ponto a observar trata-se da coerência entre o livro do aluno e o manual do professor, sendo, este, um forte instrumento na compreensão dos objetivos das atividades propostas e da fundamentação teórica aos educadores.

Alguns pressupostos foram evidenciados na análise realizada:

- O material didático estabelece ligação entre a sala de aula e o mundo real;
- O livro didático, propriamente dito, estimula a autonomia, focando no processo de aprendizagem e respeitando os ritmos de cada criança;

- As atividades propostas apresentam objetivos claros, desafiadores e capazes de garantir a participação ativa das crianças na construção do conhecimento;
- O livro tem uma impressão nítida e encadernação resistente. As ilustrações mostram-se coerentes com os conteúdos abordados;
- Os valores apresentados favorecem à formação da identidade e o respeito à cultura;
- As atividades são consistentes e coerentes, com os conteúdos de interesse para a faixa etária a que se destinam;
- As atividades propostas estão em consonância com a concepção de criança embasada pelos estudos realizados por teóricos que contribuíram para um novo entendimento sobre a infância, principalmente, Piaget, Vygotsky e Wallon.

O projeto de formação de educadores infantis proposto pela Editora IMEPH tem como objetivo maior proporcionar suporte pedagógico aos educadores, compartilhando ideias e experiências, lançando propostas de ampliação cultural, elaborando a construção de uma rotina pedagógica voltadas às aprendizagens dos alunos, possibilitando uma intervenção pedagógica mais qualitativa e criando um espaço voltado à reflexão e a avaliação tanto dos alunos quanto da própria prática dos educadores.

Considerando as necessidades específicas do trabalho docente na Educação Infantil, o livro didático integra um kit com material de apoio ao professor, cuja utilização será refletida e debatida nos encontros de formação continuada. Inclui, ainda, ferramentas de apoio, tais como: os livros **CONCEPÇÕES E PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO E CIRANDAR- VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**.

Diante da análise efetivada, somos de parecer favorável à aquisição do livro didático *Aprender Construindo Educação Infantil 1*. 542 para crianças de cinco anos do Pré II, 1. 585 para crianças de quatro anos e 1.396 para crianças de três anos, garantindo-se, assim, às crianças de Codó uma preparação na idade certa para aquisição dos fundamentos capazes de assegurar o sucesso escolar.